

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal¹

Jorge Eremites de Oliveira²

Resumo

Este ensaio analisa o primeiro momento da Arqueologia Pantaneira, sobretudo as contribuições dadas por Max Schmidt e Branka Susnik para o conhecimento dos povos indígenas nas terras baixas do Pantanal, região localizada na porção central da América do Sul. O estudo demonstra que as pesquisas desenvolvidas por esses dois antropólogos foram as mais importantes durante o período que inicia na década de 1870 e termina na de 1980. Ambos os autores foram influenciados por idéias evolucionistas e difusionistas da época e publicaram uma expressiva quantidade de textos científicos, obras importantes de interesse aos cientistas sociais como os especialistas em Antropologia, Arqueologia, Geografia, História, Sociologia e outras áreas afins.

Palavras-chave: Antropologia, Arqueologia, Branka Susnik, Max Schmidt, Pantanal.

Abstract

This essay analyzes the beginnings of the archaeology of the Pantanal area,

¹ Ensaio ganhador, em 2003, do concurso *Prêmio Dra. Branislava Susnik*, oferecido pelo Centro de Estudios Antropológicos, da Universidad Católica (CEADUC), e Museo Etnográfico "Andrés Barbero", da Fundación La Piedad, de Assunção, Paraguai.

² Professor do Departamento de Ciências Humanas (DCH), coordenador do Laboratório de Arqueologia, Etnoistória e Etnologia (LAEE) e docente do Programa de Pós-graduação em História do antigo Campus de Dourados da UFMS, atual UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Correio eletrônico: eremites@ceud.ufms.br

particularly Max Schmidt and Branka Susnik's contributions to the knowledge of the indigenous people of the lowlands of the Pantanal, an area located in central South America. The study demonstrates that research developed by these two anthropologists was the most important in the period that spans from 1870s to 1980s. Authors were both influenced by evolutionist and diffusionist ideas of their time, publishing an impressive amount of scientific papers, today considered important works of interest to social scientists, such as specialists in Anthropology, Archaeology, Geography, History, Sociology and other related areas.

Key words: Anthropology, Archaeology, Branka Susnik, Max Schmidt, Pantanal

Qualquer estudo acerca do desenvolvimento das ciências sociais em países platinos como o Brasil e o Paraguai, por exemplo, não pode omitir a contribuição dada pelos antropólogos europeus que vieram para a América do Sul, desde a segunda metade do século XIX, com a finalidade de realizar pesquisas etnográficas. Todavia, uma investigação apurada sobre o assunto torna-se mais complexa do que pode parecer em um primeiro momento. Isto porque um trabalho assim não deve limitar-se apenas a dizer quais pesquisadores atuaram em determinada região, descrever as expedições científicas, arrolar as peças de coleções etnográficas, transcrever eventuais diários e enumerar as publicações mais conhecidas, isto é, cair na armadilha de fazer uma espécie de História historicizante ou factual. O trabalho é mais árduo e por isso mesmo fascinante e desafiador. Cabe ao investigador interessado no tema perceber os próprios cientistas sociais estudados como agentes históricos plenos, inserindo suas obras e idéias no contexto político, econômico e sociocultural da época em foram produzidas, enfim, no interior de seu tem-

po. Portanto, ele deve também *estudar as relações entre a sociedade e suas mudanças e a prática científica*, tal qual Pedro Paulo Abreu Funari (1994:25) propôs para se entender a Arqueologia no Brasil, proposta esta que vem tendo ressonância entre jovens arqueólogos brasileiros.

Estudar essas relações também serve para o autoconhecimento humano, quer dizer, *um conhecimento das suas faculdades de cognição, do seu pensamento ou do seu entendimento da razão*, conforme explicou Collingwood (1981:257). Ocorre, porém, que a conexão entre autor-obra-meio, ou seja, a sociedade, dá-se em circunstâncias mais gerais e históricos, às vezes controversos e polêmicos até certo ponto, cuja análise pode gerar questões de litígio (Trigger, 1992; Arruda & Tengarrinha, 1999; Eremites de Oliveira, 2002b).

Seguindo esta linha de raciocínio, julgo ser importante citar as palavras iniciais que Funari recentemente utilizou em sua resenha sobre o livro *A Social History of Anthropology in the United States*, de Thomas C. Patterson (2001):

Pode escrever-se uma História da ciência apenas a partir da discussão de questões metodológicas? Pode isolar-se a História de uma ciência social de sua inserção no tecido social? Pode entender-se as transformações de uma disciplina sem relacioná-las aos avatares da política? Questões como estas parecem teóricas no contexto internacional da História das Ciências, na medida em que a academia faz parte da sociedade e, por isso, nunca poderia ser dela desvinculada. (Funari, 2003:1)

Partindo dessas idéias, portanto, analisei os aportes de Max Schmidt e Branka Susnik, fazendo menção ainda a alguns outros autores, para o conhecimento da Arqueologia dos povos indígenas que se estabeleceram nas terras baixas do Pantanal, isto é, nas áreas inundáveis daquela planície localizada na porção central do subcontinente sul-americano. O estudo realizado busca abordar suas his-

tórias de vida no contexto das sociedades em que viveram e, com maior profundidade, analisar, à luz de uma leitura historiográfica, parte de suas obras com o objetivo de entendê-las em quadros teóricos mais amplos e gerais. Propor algo assim não significa, necessariamente, querer compreender seus textos como sendo respostas automáticas a certas correntes de pensamento e escolas teóricas. Na verdade, penso que a proposta defendida é uma real possibilidade de melhor compreender uma parte significativa dos legados de Schmidt e Susnik à própria Antropologia Paraguaia, cujo desenvolvimento também se dá, para mais ou para menos, sob influências das transformações epistemológicas registradas nas ciências sociais em várias partes do mundo.

Tenho clareza, porém, que este ensaio está mais para uma introdução analítica do que para um estudo cabal sobre uma temática por demais complexa. Um estudo mais esmerado requereria uma prospecção bem detalhada na obra dos dois antropólogos, investigando as relações mais profundas nela existentes e conhecendo com maior propriedade suas matrizes teóricas originais, bem como o distanciamento que eles tiveram delas ao longo de suas carreiras e as novas fórmulas resultantes do processo de construção do conhecimento por eles gerado. Um trabalho desse tipo também necessitaria de tempo, condições de pesquisa e recursos materiais e financeiros para refazer a trajetória intelectual de Max Schmidt e Branka Susnik, desde a Europa até a América do Sul, conhecendo melhor seus interlocutores, bem como seus afetos e desafetos teóricos, além de saber muito mais ainda sobre suas relações com a sociedade em que viveram (indivíduos, coletividades, governos, instituições de pesquisa etc.), dentre outras tarefas.

De momento, acredito ainda ser relevante explicar em tempo que a região do Pantanal, aquela conhecida na car-

tografia colonial como *Laguna de los Xarayes* (Costa, 1999), não abrange apenas parte da região Centro-Oeste do Brasil, ainda que cerca de 140.000 km² esteja distribuídos nos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, região historicamente conhecida como Pantanal Matogrossense. Uma outra parte de sua extensão prolonga-se pelos atuais territórios da Bolívia e do Paraguai, onde recebe outras denominações devido à sua vinculação com o Chaco, o que ocorre em prolongamento natural na bacia do rio Paraguai (Allem & Valls, 1987). Em termos ambientais gerais, talvez a diferença mais marcante entre o Pantanal e o Chaco está no fato da região chaquenha apresentar um período de estiagem mais pronunciado em comparação com o que ocorre na planície pantaneira (Valverde, 1972). Esta situação resulta de vários fatores, dentre os quais as diferenças estruturais marcantes em termos geomorfológicos (Moura, 1943).

Não obstante, do ponto de vista arqueológico e etnohistórico está claro que o prolongamento natural entre as regiões facilitou os intensos e constantes contatos interétnicos registrados entre povos indígenas das duas áreas, inclusive durante os três primeiros séculos da Conquista Ibérica. Daí compreender uma outra mensagem importante implícita neste ensaio: o argumento de que os cientistas sociais devem perceber o transcurso histórico e sociocultural dos povos indígenas nas terras baixas platina em sua totalidade espaço-temporal, especialmente do período pré-colombiano à época colonial, ao invés de vê-los como meros fenômenos isolados, perceptíveis apenas dentro das atuais fronteiras político-territoriais ibero-americanas. Logo, a Arqueologia e a Antropologia no Brasil e no Paraguai possuem muitas similitudes, seja do ponto de vista da história do desenvolvimento das ciências sociais nos dois países, seja a respeito da presença indígena nas áreas inundáveis da bacia platina.



Fig. 01 - Mapa da bacia platina e da hidrovía Paraguai-Paraná, com destaque para a região do Pantanal (Bucher et al., 1994:6).

Max Schmidt

Max Schmidt (1874-1950), filho de uma tradicional família de Altona (Elbe), cidade da Alemanha, nasceu em 16 de dezembro de 1874. Ele poderia ter seguido a carreira de seu pai, que era juriconsulto, mas em 1899 abandonou o Direito e voltou-se para os estudos etnológicos, desde já na qualidade de assistente voluntário do Museu de Etnologia em Berlim (Museum für Völkerkunde zum Berlin), instituição em que chegou a dirigir a seção da América do Sul. Sua formação inicial em Direito, todavia, marcou todos os seus trabalhos etnográficos e muitas de suas análises etnológicas.

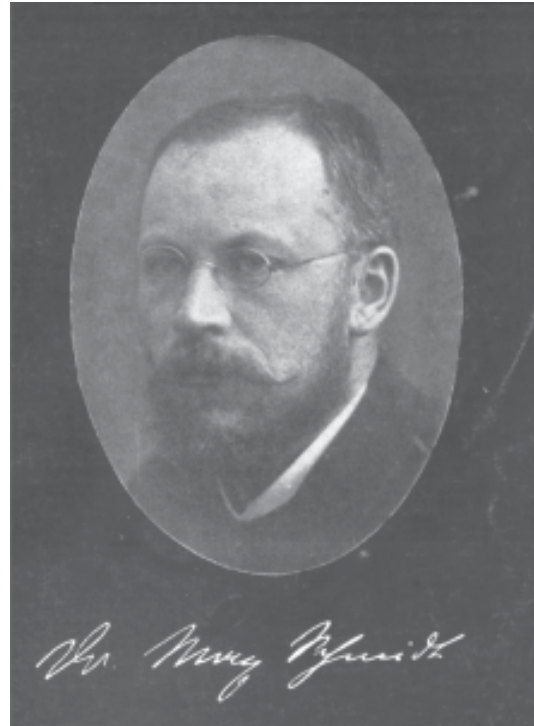


Fig. 02 - Foto de Max Schmidt na capa do livro de Susnik (1991).

No Museu de Etnologia em Berlim, Schmidt teve como mestre o grande antropólogo Karl von den Steinen e, por conta das influências que dele recebeu, elegeu o antigo estado brasileiro de Mato Grosso – atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul – como a principal área para a realização de suas investigações científicas. Em terras matogrossenses chegou a concluir três expedições etnológicas durante as primeiras décadas do século XX. Herbert Baldus, por exemplo, assim avaliou esta parte de sua história de vida:

Dirigindo-se ao laboratório predileto dos americanistas alemães da época, isto é, à região dos formadores do Xingu, queria seguir o exemplo dado pelo seu grande mestre Karl von den Steinen, por Ehrenreich, Herrmann Meyer e outros, indo acompanhado, porém, de dois camaradas apenas e não, como aqueles exploradores, de uma numerosa e bem equipada comitiva (Baldus, 1951:253).

Faz-se necessário explicar que Karl von den Steinen esteve no alto Xingu,

atual Mato Grosso, em duas expedições: a primeira em 1884 e a segunda em 1887 (vide Steinen, 1897, 1940; Coelho, 1993). Além disso:

Na literatura especializada, Karl von den Steinen vem sendo referido ora como iniciador da investigação científica dos povos 'primitivos' na América do Sul e reformador dos métodos de investigação, ora como 'decano dos exploradores etnográficos sul-americanos' e pesquisador de determinante influência sobre a investigação científica imediatamente posterior. Na realidade, era pioneiro e propulsor da etnologia brasileira, tudo em uma pessoa e mais (Thieme, 1993:37).

Max Schmidt, por seu turno, deve ser considerado o pioneiro, o iniciador das pesquisas arqueológicas no Pantanal, região onde esteve em 1901, 1910 e 1928. Seus trabalhos mais importantes para a Arqueologia Pantaneira foram publicados em 1902, 1905, 1912, 1914, 1928, 1940 (1940a, 1940b), 1942 (1942a, 1942b), 1951 e 1974. Naquela grande planície de inundação, a maior área inundável contínua do planeta, seu objetivo maior foi estudar os índios Guató (Economia, Etnografia, Etnoistória, Direito e Linguística, dentre outros assuntos), bem como recolher material etnográfico e arqueológico para o Museu de Etnologia em Berlim. Sua primeira passagem pelo Pantanal ocorreu devido à orientação dada pelo próprio von den Steinen.

Em 1931, três anos após sua última expedição a Mato Grosso, a vida de Max Schmidt tomou outro rumo, conforme explicou Branka Susnik:

Em 1931, Max Schmidt renuncia a seus cargos no Museu e na Universidade de Berlim, à idade de 57 anos; abandonou para sempre a Alemanha, estabelecendo-se em Mato Grosso – Ilha de Boa Esperança, próximo a Cuiabá –, de onde pretendia animosamente prosseguir suas investigações etnográficas e, por sua vez, concretizar seu

desejo pessoal: viver na simples natureza e com a máxima modéstia pessoal. As inquietudes regionais em Mato Grosso o obrigaram a abandonar seu refúgio (Susnik, 1951:9).

Tais *inquietudes* parecem ter sido referentes à compra de um imóvel, transação em que Schmidt acabou sendo traçado, segundo informação pessoal que recebi de Adelina Pusineri, atual diretora do Museu Etnográfico "Andrés Barbero", de Assunção, em setembro de 1998³. Como o negócio havia sido feito com alguém com poder econômico e político na sociedade da época, o melhor que ele fez foi deixar a região e partir para um porto mais seguro, a República do Paraguai.

O antigo Mato Grosso não foi apenas uma predileta área de pesquisa para Max Schmidt. Foi a região que primeiramente escolheu para viver após deixar a Europa. No entanto, ao ter de deixá-lo em 1931, Schmidt viajou para Assunção, onde conhecia Andrés Barbero (1877-1951), filantropo e estudioso paraguaio, na época presidente da Sociedade Científica do Paraguai. Foi precisamente Barbero quem encarregou Schmidt da sistematização de uma coleção etnográfica e arqueológica existente nos museus etnográfico, histórico e de ciências naturais daquela cidade (Susnik, 1991; Pusineri, 1993). Após a morte do estudioso paraguaio, o museu passou a ser chamado Museu Etnográfico "Andrés Barbero".

Nas décadas de 1930 e 1940, Schmidt realizou várias pesquisas etnográficas e arqueológicas no Paraguai. Em 1941 foi nomeado presidente honorário da Sociedade Científica do Paraguai e em 1948 inaugurou, pela primeira vez na República do Paraguai, a cátedra de Etnologia junto à *Facultad de Filosofía de la Universidad Nacional de Asunción* (UNA). Ele faleceu na capital do Paraguai aos

³ Por meio de conversas informais com Adelina Pusineri, em setembro de 1988 e julho de 2000, pude obter algumas informações ainda não publicadas sobre a história de vida de Max Schmidt e Branka Susnik.

26 de outubro de 1950. Em seu túmulo, o qual tive a oportunidade de conhecer em julho de 2000, há uma lápide com inscrições rupestres idênticas às por ele registradas no antigo Mato Grosso, ali colocada pelos seus alunos como forma de homenagem póstuma.



Fig. 03 - Túmulo de Max Schmidt em cemitério de Assunção.
(Foto de Jorge Eremites de Oliveira, Jul./2000)

De fato, Schmidt foi um etnógrafo ímpar, haja vista que realizar pesquisas em Mato Grosso no início do século XX e nas condições infra-estruturais de que dispunha, era, sem dúvida alguma, uma verdadeira missão, um feito de grande idealismo. Sua dedicação, porém, parece ter sido compartilhada por outros antropólogos de seu tempo. O próprio Lévi-Strauss, por exemplo, assim escreveu no célebre *Tristes Trópicos*:

Não há lugar para a aventura no trabalho na profissão de etnógrafo; ela é somente a sua servidão, peso sobre o trabalho eficaz com o peso das semanas ou dos meses

perdidos no caminho; das horas improdutivas enquanto o informante se esquia; da fome, do cansaço, às vezes da doença; e, sempre, dessas mil tarefas penosas que corroem os dias em vão e reduzem a vida perigosa no coração da floresta virgem a uma imitação do serviço militar ... Que sejam necessários tantos esforços e desgastes inúteis para alcançar o objeto de nossos estudos não confere nenhum valor ao que se deveria mais considerar como o aspecto negativo do nosso ofício. As verdades que vamos procurar tão longe só têm valor se desvencilhadas dessa ganga (Lévi-Strauss, 1998:15).

De todos os americanistas alemães de seu tempo, os quais percorreram a América do Sul, Max Schmidt foi praticamente o único a se interessar pela região pantaneira e pelos índios Guató. Sem seus estudos por certo quase nada se saberia sobre esse povo canoeiro e, por conseguinte, as interpretações teóricas sobre o passado arqueológico do Pantanal teriam sido mais limitadas pela ausência de modelos etnográficos.

Da primeira expedição em que passou pelo Pantanal, em 1901, cujos resultados foram publicados no Brasil em 1942, sob o título *Estudos de Etnologia Brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901*. Seus resultados etnológicos, Schmidt (1942a) apresentou importantes contribuições para o conhecimento do sistema sociocultural desenvolvido pelos Guató: artefatos de uso doméstico e de trabalho, comportamento, estruturas de habitação e outros tipos, língua, mobilidade espacial, organização social, território, territorialidade, subsistência e outros. Essa obra, inclusive, foi citada por Nelson W. Sodré (1976:265) em seu conhecido livro *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Na verdade, ela é uma versão ampliada do artigo *Die Guató* (Schmidt, 1902) e a tradução do livro *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901* (Schmidt, 1905).

Da segunda missão, realizada em 1910, Schmidt apresenta-se como um

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal

Quadro 1: Assentamentos Guató localizados nos rios São Lourenço e Caracará, em Mato Grosso (Brasil), levantados por Max Schmidt e Jorge Eremites de Oliveira.

ASSENTAMENTO	LOCALIZAÇÃO (UTM)
Aterro Guató levantado em campo, identificado em fotografia aérea e localizado em mapa da área (rio Caracará).	470000E e 8042900N
Aterro Guató levantado por Max Schmidt em 1910, identificado em fotografia aérea e localizado em mapa da área (rio Caracará).	471000E e 8041500N
Aterro Guató levantado por Max Schmidt em 1910, identificado em fotografia aérea e localizado em mapa da área (rio Caracará).	472600E e 8042300N
Aterro Guató levantado por Max Schmidt em 1910, identificado em fotografia aérea e localizado em mapa da área (rio Caracará).	474300E e 8040700N
Aterro Guató levantado por Max Schmidt em 1910 e localizado em mapa da área (rio Caracará).	473200E e 8047800N (localização aproximada)
Aterro Guató levantado por Max Schmidt em 1910 e localizado em mapa da área (rio Caracará).	477200E e 8047800N (localização aproximada)
Assentamento da família Caetano no ano de 1910, segundo por Max Schmidt, localizado em mapa da área (margem do rio Caracará).	475300E e 8047800N (localização aproximada)
Aterro ocupado pela família Caetano em época de cheia, localizado em mapa da área (rio Caracará).	479050E e 8043870N 478250E e 8043850N (localização de dois pontos próximos)
Assentamento estacional da família Caetano em tempos de cheia, possivelmente um dique fluvial, averiguado in loco (rio Caracará).	478250E e 8043850N
Último assentamento central da família Caetano à margem do rio Caracará, averiguado in loco (até a morte do cacique Caetano, ocorrida em fins da segunda metade do século XX).	475780E e 8043680N
Último assentamento central da família Caetano à margem do São Lourenço (até a morte de sinhá Inácia, esposa do cacique Caetano, ocorrida no início da segunda metade do século XX).	457500E 8026400N*
Assentamento no lado norte do morro do Caracará (estabelecimento de José e Veridiano, filhos do cacique Caetano e de sinhá Inácia, até o ano de 2000).	453025E e 8026008N (casa) 453036E e 8026007N (roça desativada) 452945E e 8026184N (roça ativada)
Assentamento à margem esquerda do São Lourenço (atual estabelecimento de Júlia, Vicente e Caetano, os últimos descendentes do cacique Caetano naquela região).	454305E e 8024954N

Fonte: Eremites de Oliveira (2002a:342).

dos precursores do que atualmente se conhece por Etnoarqueologia (Eremites de Oliveira, 1996); investigou etnográfica e arqueologicamente algumas estruturas monticulares do tipo *aterro*, assim conhecidas no Brasil, ou *mound*, termo largamente conhecido na Arqueologia Estadunidense, e outros tipos de assentamentos Guató existentes na região do

rio Caracará, atual Mato Grosso, publicando seus estudos em *Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso* (Schmidt, 1914).

Da terceira e última expedição, realizada em 1928, ele retomou alguns assuntos investigados em 1901 e 1910,

também analisando as transformações socioculturais ocorridas entre os Guató face aos contatos com as sociedades não-índigenas; os resultados foram publicados no artigo *Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928* (Schmidt, 1942b). Este trabalho atesta ainda a preocupação do autor com o processo de *aculturação* indígena, assunto muitíssimo debatido entre antropólogos sul-americanos daquela época até algumas décadas atrás, o que demonstra que ele procurava estar interado dos novos debates existentes na Antropologia de seu tempo (vide Schaden, 1969).

Em todas as três expedições que fez ao antigo Mato Grosso, Schmidt sempre estudou vários sítios arqueológicos. Em *Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso e Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso*, por exemplo, Schmidt (1940a, 1940b) tratou de sítios com inscrições rupestres que encontrou no Estado. Isso comprova sua preocupação em conhecer a pré-história da região, algo que não era de se estranhar no trabalho de alguém que também foi um especialista em cultura material.

Há ainda que tratar de alguns outros trabalhos científicos que Max Schmidt concluiu, particularmente os sobre técnicas de trançado entre os Guató e outros povos do alto Xingu. Acerca dessa questão, assim avaliou Egon Schaden:

O próprio Schmidt levou a cabo, por exemplo, uma cuidadosa investigação sobre a técnica do trançado e a origem da arte ornamental. No trabalho, que logo se tornou célebre e deu margem a muita discussão, defendeu a tese, em desacordo com a explicação de von den Steinen, de que os padrões ornamentais característicos da arte xinguana derivam da técnica do trançado, por sua vez determinada pela forma das folhas de palmeiras usadas na confecção de artefatos (Schaden, 1993:125).

Berta G. Ribeiro (1987:284), por sua vez, fez a seguinte avaliação: *Deve-se a Max Schmidt (1942) [Estudos de Etnologia Brasileira] um dos primeiros e mais*

exaustivos estudos sobre os trançados dos índios brasileiros e sul-americanos, baseado na cestaria dos índios Guató e alto-xinguanos (vide também Ribeiro, 1988).

Também são dignos de registro os aportes lingüísticos do etnólogo alemão. Alguns foram de grande relevância aos estudos de Adair P. Palácio (1984), autora da tese de doutorado denominada *Guató – a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*.

Para a elaboração de minha dissertação de mestrado, adaptada e publicada sob o título de *Guató: argonautas do Pantanal* (Eremites de Oliveira, 1995, 1996), os dados etnográficos que o etnólogo alemão publicou sobre os Guató foram igualmente de grande valia. Muitos deles foram compilados, sistematicamente organizados e interpretados à luz de problemas de natureza arqueológica.

Ao analisar os relevantes trabalhos que Max Schmidt deixou à Arqueologia Pantaneira, nota-se que eles são mais marcados por uma abordagem materialista do que por uma simbolista, o que parece destoar da práxis da maioria dos etnólogos no Brasil de fins do século XIX até a primeira metade do século XX, incluindo aqui seu próprio mestre e incentivador.

Tomando por base os conceitos de *pensamento materialista* e *pensamento simbolista* apresentados por Walter Alves Neves (1996:13), é possível afirmar que Max Schmidt estava mais interessado em estudar as *bases materiais de sustentação das sociedades humanas e o reflexo dessas em outras dimensões socioculturais*, do que se dedicar *ao estudo da mente humana, de sua capacidade simbólica e de suas formas de representação*. Daí, talvez, uma das explicações para o fato de ele ainda ser pouco conhecido – e às vezes até desprezado – por antropólogos e arqueólogos brasileiros, embora uma expressiva parcela destes últimos ainda permaneça pouco interessada pela mente humana.

Sobre o pensamento científico desse grande etnólogo alemão, como conhecido discípulo de Karl von den Steinen que foi, está claro que ele sofreu influências do evolucionismo social que marcou as ciências a partir da segunda metade do século XIX. Porém, sempre fez *questão de acentuar sua orientação pelas ciências naturais* (Baldus, 1951:254), isto é, pelo interesse maior que tinha em compreender as relações existentes entre as sociedades humanas e o meio ambiente. Logo, o enfoque ecológico é o que mais predomina em seus estudos.

Sua opção pelo enfoque ecológico, que não deve ser confundido com um determinismo ambiental à moda do evolucionismo linear do século XIX, está clara e teoricamente discutida em *El Sistema de la Etnología* (Schmidt, 1959), versão castelhana de *Völkerkunde* (1929) que foi publicada postumamente e com interessantes notas complementares de Branka Susnik (1959b).

Max Schmidt entendia que as sociedades humanas dependem da natureza e que interagem com o meio ambiente. Portanto, suas manifestações socioculturais também representam formas de adaptação ecológica, influenciadas por diversos fatores bióticos e abióticos: clima, hidrografia, pluviosidade, obtenção de matéria-prima para as indústrias lítica e metalúrgica, solos, fauna, flora etc. Por isso, seus estudos são marcados por uma ênfase dada à economia enquanto infra-estrutura, principalmente à *economia material*, assim compreendida:

... A economia material compreende, pois, a produção dos bens substanciais em seu sentido técnico [*tecnológico*]. Segundo suas distintas funções, podem-se distinguir quatro formas principais da produção de bens substanciais:

- a) a produção primária, que é a obtenção de matérias da natureza pela coleta, agricultura, pecuária, caça, pesca etc.;
- b) a produção secundária ou produção técnica [*tecnológica*], que consiste na transformação factícia das matérias primas ou de produtos já elaborados;

- c) o transporte de bens substanciais, quer dizer, a variação do lugar que eles ocupam;
- d) a conservação dos bens substanciais, quer dizer, a conservação deles em estado utilizável.

O sujeito da economia material somente pode ser o homem. Em seu caráter de ser manual e mental, ele é o único ser vivente que cria bens substanciais pelo trabalho, quer dizer, que produz. Os animais domésticos nunca serão sujeitos da produção, pois sempre serão meios de produção já que sua atividade nunca tende conscientemente à satisfação indireta de suas necessidades (Schmidt, 1959:14-15).

Esse tipo de enfoque ecológico, baseado no estudo da economia material ou tecnoeconomia, teve forte inspiração nas idéias da Antropogeografia de língua alemã, fundada por Friedrich Ratzel (1844-1904), para quem *as relações que os homens tecem com seu ambiente e os problemas que nascem de sua mobilidade dependem das técnicas que dominam* (Claval, 1999:21). Na opinião de Antonio Carlos Robert Moraes (1990):

A obra de Friedrich Ratzel representou um papel fundamental no processo de sistematização da geografia moderna. Ela contém a primeira proposta explícita de um estudo geográfico especificamente dedicado à discussão dos problemas humanos. Foi, assim, de sua autoria uma das pioneiras formulações – sem dúvida a mais trabalhada – de uma geografia do homem. A importância de sua obra também emerge por ela ter sido uma das originárias manifestações do positivismo nesse campo do conhecimento científico. Ratzel foi um dos introdutores desse método – que posteriormente se assentou como dominante – no âmbito do pensamento geográfico. O significado de sua produção para o desenvolvimento da geografia pode ainda ser apontado no fato de ele ter aclarado aquela que viria a ser a principal via de indagação dos geógrafos, ou seja, a questão da relação entre a sociedade e as condições ambientais (Moraes, 1990:7).

De acordo com Laburthe-Tolra & Warner (1999:63), Ratzel *adotou a noção de 'espírito do povo' [Volkgeist], mas fez dela o produto do entorno geográfico local, do relevo, do clima, dos recursos*

naturais, dito de outro modo, do que se chama determinismo geográfico. Porém, segundo o próprio Schmidt (1959:5), Ratzel aperfeiçoou o estudo da dependência do homem em relação à natureza para formar dentro da Geografia geral, uma disciplina particular, a chamada Antropogeografia. Inspirado nessa disciplina surgiu o método histórico-cultural alemão (Harris, 1993) ou a Escola Difusionista Alemã, a *Kulturkreislehre* (Morán, 1990), do qual Max Schmidt foi um dos representantes no Museu de Etnologia em Berlim, embora não tenha sido citado em sínteses sobre a história da Antropologia e suas principais correntes teóricas, escritas por cientistas sociais de língua inglesa e portuguesa.

Seu conterrâneo e colega de profissão, Ludwig Kersten (1968 [1905]), autor da obra *Las tribos indígenas del Gran Chaco hasta fines del siglo XVIII. Una contribución a la Etnografía Histórica de Sudamérica*, também foi influenciado pelas idéias ratzelianas, prova de que a escola por ele fundada marcou época na Alemanha e influenciou muitos etnólogos na América do Sul.

A Antropogeografia não é, pois, senão uma proposta que antecedeu ao surgimento do método da Ecologia Cultural na Antropologia Estadunidense, o qual tem por objetivo maior estudar as relações entre cultura e entorno, ou seja, a adaptação cultural frente ao meio ambiente (Hardesty, 1979; Kaplan & Manners, 1981; Netting, 1986; Viertler, 1988; Harris, 1993, 1995; Morán, 1994; Neves, 1996; e outros). O refinamento do método da Ecologia Cultural, por sua vez, culminou com a formação do que atualmente se conhece por Antropologia Ecológica:

Uma abordagem mais biológica para a ecologia cultural surgiu na década de 1960. Esta abordagem, fortemente centrada na teoria evolutiva e ecológica, ficou conhecida como *antropologia ecológica*, assinalando a importância atribuída ao sistema ecológico. A abordagem multidisciplinar da antropologia ecológica enfatiza o estudo de

populações humanas dentro dos ecossistemas. O foco de suas pesquisas está centrado em sociedades relativamente estáveis (Morán, 1994:67).

Além disso, na obra de Max Schmidt há outras questões que merecem destaque.

Em seus primeiros trabalhos, a exemplo de *Die Guató e Indianerstudien in Zentralbrasilien*, respectivamente publicados em 1902 e 1905, resultados das pesquisas feitas no limiar do século XX, percebe-se claramente que o jovem Schmidt fazia questão de registrar seus pontos de vista a respeito das experiências que teve com vários povos indígenas sul-americanos. Esta característica marcante em seu estilo de escrever foi praticamente eliminada nos estudos publicados a partir do segundo decênio do século XX. Branka Susnik tratou dessa situação com bastante conhecimento:

Em seu livro 'Indianerstudien in Zentralbrasilien', Schmidt descreve na primeira parte as experiências vividas nas aldeias de diferentes tribos, então quase independentes; traduz ademais alguns de seus pontos de vista de etnólogo e homem. Sentia uma necessidade individual de buscar – fora da abrumadora sociedade européia daqueles tempos – uma existência 'natural' dos primitivos que não estavam em contato direto com a 'refinada civilização' ... Era premissa própria da época ver que o índio é 'um filho da natureza' (Susnik, 1991:6-7).

Mais adiante a autora fez a seguinte ponderação:

Não obstante, Schmidt seguia buscando, com uma sinceridade quase apaixonante, sua própria busca intelectual e espiritual, muitas vezes colocando em perigo sua vida diante dos intermitentes ataques de malária nos lugares mais inóspitos, solitários, povoados por indígenas cujas reações ao 'branco de passagem' ou visitante nunca eram previsíveis (Susnik, 1991:7).

Em seus últimos trabalhos, como no artigo *Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los metodos de agricultura de los indígenas sudamericanos*, publicado postumamente em 1951 e traduzido para

o inglês em 1974 (Schmidt, 1951, 1974), nota-se que o *velho* Schmidt estava interessado em produzir estudos de caráter mais teórico e menos descritivo. Nesse caso em especial, Schmidt apresentou um excelente ensaio de Etnobotânica que abrange a interpretação de dados sobre vários povos indígenas da América do Sul, incluindo alguns sobre o manejo de plantas entre os Guató, tema recentemente resgatado por Eremites de Oliveira (1996, 2001).

Penso que se von den Steinen é o *pioneiro e propulsor da etnologia brasileira* e que, ainda hoje em dia, *continua importante e até está sendo redescoberto pela ciência atual* (Thieme, 1993:38), Schmidt igualmente é o pioneiro em Etnoistória, Etnologia e Etnoarqueologia Guató, bem como em pesquisas arqueológicas sobre a pré-história do Pantanal. Este seu pioneirismo talvez possa ser estendido para a própria Arqueologia no Paraguai, da qual também foi um dos precursores⁴. Porém, ao contrário de seu mestre e conterrâneo, Max Schmidt ainda precisa ser redescoberto pela ciência atual, registra-se amiúde, não apenas pelas suas investigações no Pantanal, mas pela grande contribuição, sobretudo etnológica, para o conhecimento de vários povos indígenas da América do Sul, incluindo aqui os alto-xinguanos e chaquenhos, dentre outros. Entre os arqueólogos brasileiros, para ser mais específico, há um grande desconhecimento de seus trabalhos, embora Kipnis et al. (1994/1995) tenham relacionado, em uma listagem bibliográfica, doze publicações de suas autoria.

Max Schmidt sempre procurou estudar os povos indígenas a partir de fon-

tes de natureza variada (ecológicas, etnográficas, lingüísticas, textuais etc.). Buscou amiúde compreender os sistemas socioculturais dentro daquilo que hoje em dia se conhece por uma perspectiva geográfica e temporal de *longa duração*, sem se esquecer, no entanto, de questões como continuidade, mudança, diacronia e sincronia. Acrescenta-se o fato de ele ter sido um grande especialista em cultura material, o que torna seus trabalhos de grande relevância para a Arqueologia. Em seu currículo ainda consta um considerável conhecimento sobre fotografia e Geografia, dentre outras áreas, além de uma singular capacidade de observação e registro etnográfico.

Para finalizar esta parte do ensaio, mais uma vez cito Herbert Baldus:

A bibliografia de Max Schmidt testemunha rara multiplicidade de interesses. Outrossim, quando tinha determinado ponto de vista não se fechava para a observação de outros aspectos do mesmo assunto. Assim, por exemplo, como quase todos os etnólogos de sua geração e da anterior, Max Schmidt tinha seu trabalho orientado pela idéia de que se aproxima a última hora dos povos naturais, provindo disso a necessidade urgente de reunir tudo quanto poderia servir para documentar suas culturas perante a posteridade (Baldus, 1951:257).

Contemporâneo de Max Schmidt, o etnólogo estadunidense Vincent M. Petruccio (1932) também está entre os primeiros investigadores de sítios arqueológicos no Pantanal. Em abril de 1931, realizou pesquisas arqueológicas e etnológicas no âmbito da *Expedição Mato Grosso*. Fez escavações em dois sítios existentes na localidade de Descalvado, porção setentrional do alto curso do rio Paraguai, município de Cáceres, Mato

⁴ O arqueólogo e historiador brasileiro Francisco Silva Noelli, um dos maiores especialistas da atualidade em Arqueologia e Etnoistória Guarani, estava sistematizando e analisando uma imensa gama de dados arqueológicos, etnográficos e etnohistóricos sobre povos Guarani do período colonial. Os resultados de seus estudos deveriam ter sido apresentados sob forma de tese de doutorado na Universidade de Campinas (UNICAMP). Em seus estudos, ainda inéditos, consta uma relação de sítios Guarani localizados na República do Paraguai, dentre os quais alguns identificados pelo próprio Max Schmidt na década de 1930, situados em Assunção, Villa Hayes, Carmen del Paraná, Ypané, Guarambaré, Capitán Meza e Lambaré, de acordo com dados recebidos do próprio autor em fevereiro de 2002.

Grosso. São sítios de grandes extensões, associados a povos agricultores e ceramistas, muito provavelmente os Arawak conhecidos historicamente como Xaray, aqueles cuja cerâmica é conhecida na Arqueologia Brasileira como *tradição Descalvado* (vide Schuch, 1995; Eremites de Oliveira & Viana, 1999/2000; Eremites de Oliveira, 2002a). De um modo geral, as pesquisas de Petruccio tiveram a finalidade de concluir observações etnográficas e recolher material cultural, inclusive arqueológico, para o acervo do Museu Universitário da Filadélfia (The University Museum), Estados Unidos. Até pouco tempo, seus dados eram os mais importantes e conhecidos sobre os povos portadores da *tradição Descalvado*, tendo sido discutidos por Prous (1992) e Migliaccio (2000).

Durante a expedição bianual a Mato Grosso, entre 1926 e 1928, Max Schmidt solicitou autorização para realizar pesquisas arqueológicas em Descalvado, mas não seu pedido foi negado pelos administradores da Brazil Land Cattle and Packing Company, a empresa estadunidense que era proprietária da localidade, quicá pelo fato do antropólogo ser de outra nacionalidade.

Em suma, do ponto de vista histórico e historiográfico, Max Schmidt pode ser considerado o etnólogo que melhor representa o primeiro momento da Arqueologia Pantaneira, ao menos desde a segunda metade do século XIX até a primeira do século XX.

Branka Susnik

Branka Susnik é o nome que a antropóloga eslovena Branislava Jozefina Sušnik Prijatelj adotou quando se naturalizou paraguaia (o nome Branka deve ser o diminutivo de Branislava). Ela nasceu na cidade de Medvode, Eslovênia, antiga Iugoslávia, no dia 28 de março de 1920, e faleceu em Assunção, Paraguai, na data de 28 de abril de 1996.

Nascida em Medvode, Eslovênia, em 28 de março de 1920, cursou estudos superiores na Europa, obtendo o doutorado em Pré-história e História pela Faculdade de Filosofia de Liubliana [*capital da Eslovênia*], assim como o doutorado em Etnoistória e Linguística Uralo-Altáica pela Universidade de Viena, Áustria. Emigrada para a América, em 1947 iniciou trabalhos de pesquisa na Missão Laishi, dos Toba, na província argentina de Formosa. Chegou ao Paraguai em fins de 1951, atendendo a um convite do doutor Andrés Barbero para continuar os trabalhos museológicos iniciados pelo etnólogo alemão Max Schmidt. Depois do falecimento do doutor Barbero, as irmãs deste lhe encomendaram a reorganização e a recuperação das coleções e da biblioteca do Museu Etnográfico [*Museu Etnográfico 'Andrés Barbero'*], levando adiante, em 1954, trabalhos de campo com os Maká e depois entre os Chulupi (Academia Paraguaya de la Historia, 1996:13).

De acordo com Julio Peña (1999), a vinda de Susnik para a América aconteceu devido à perseguição política que ela passou a sofrer a partir de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Isso teria acontecido com a implantação, via luta armada na antiga Iugoslávia, de um regime totalitário de esquerda comandado por Josip Broz Tito (1892-1980). Parte de sua família foi morta e ela feita prisioneira em um *campo de concentração* comunista localizado em Aivdoushina, de onde fugiu em 1945. Sua fuga primeiramente aconteceu pela Áustria e, posteriormente, pela Itália. Esta é a versão histórica mais conhecida nos círculos acadêmicos do Paraguai sobre os motivos que levaram Branka Susnik a emigrar para a América do Sul. Não disponho, contudo, de maiores dados esclarecedores a respeito desse assunto.

Cumpra aqui fazer uma breve digressão histórica. No ano de 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, o croata Josip Broz Tito liderou um grupo de guerrilheiros comunistas, os *partisans*, que combateu os invasores nazistas e seus apoiadores locais. Em 1945, com a derrota nazi-fascista, a Iugoslávia foi reor-

ganizada como uma federação de seis repúblicas socialistas, dentre as quais a Eslovênia. Surgiu então a República Popular da Iugoslávia, país que esteve governado por Tito até sua morte, ocorrida em 1980. Com a queda dos regimes socialistas totalitários do leste europeu,



Fig. 04 - Foto de Branka Susnik (González, 1999:1).



Fig. 05 - Foto de Branka Susnik com Adelina Pusineri (Pusineri, 2000:1).

a Iugoslávia foi desagregada e, em 1991, a Eslovênia, a mais próspera de suas repúblicas, tornou-se independente iniciando a transição para o capitalismo.

No início de 1947, partindo de Gênova, Itália, Susnik emigrou para a Argentina, fazendo parte do contingente da comunidade de Eslovenos Livres que deixou a Europa e, em 27 de abril de 1947, desembarcou em Buenos Aires. Naquela época, a Argentina estava sendo governada pelo populista Juan Domingo Perón. Susnik permaneceu naquele país até 1951 (Pusineri, 1997).

Apesar de pouco saber sobre a história de Susnik na Europa, é verdade que sua vinda para a América aconteceu por conta da situação política que ela e sua família enfrentaram na antiga Iugoslávia. De todo modo, foi depois da morte de Max Schmidt, ocorrida em 1950, que Susnik deixou a Argentina e se estabeleceu no Paraguai. Adelina Pusineri (1999), historiadora que trabalhou com ela por muitos anos, explicou que Andrés Barbero tomou conhecimento de seus trabalhos através das irmãs religiosas que trabalhavam na Cruz Vermelha Paraguaia e tinham residência em Formosa, região onde a etnóloga estava realizando investigações sobre a língua dos índios Toba. Eis a explicação:

Como o Museu Etnográfico, fundado por ele [Andrés Barbero] e ordenado pelo alemão Dr. Max Schmidt ³/₄ quem se achava enfermo ³/₄ estava abandonado, a fez chamar, mas ela somente chegou a Assunção, segundo seus documentos, no dia 1º de março de 1951. Dr. Schmidt e Barbero haviam falecido com poucos meses de diferença, deixando ainda mais abandonado o museu e a obra cultural. Mas as irmãs Josefa e María Barbero compreenderam que a obra do grande filantropo deveria seguir; assim construíram uma fundação chamada La Piedad e contrataram a Dra. Susnik para reordenar as coleções e os muitos papéis que deixaram, em especial o Dr. Schmidt. As irmãs religiosas a alojaram na Cruz Vermelha e ali começou sua grande obra que durou 45 anos de incansável trabalho e doação total ao Paraguai (Pusineri, 1997:4).

A partir de 1951, portanto, Branka Susnik iniciou sua carreira profissional no Paraguai, país em que permaneceu até seus últimos dias. Em uma interes-

sante entrevista publicada em um jornal de Assunção, ela assim teria dito sobre o assunto:

Eu vim para o Paraguai ao terminar os horrores da Segunda Guerra Mundial e ao começar o domínio do comunismo nos países do Leste da Europa. No Paraguai encontrei a oportunidade de trabalhar cientificamente, o que para mim significava 'reviver' intelectualmente (Peña, 1990 *apud* Pusineri, 1997:1).

Durante os quarenta e cinco anos em que viveu no Paraguai, incluindo todo o período da ditadura de Alfredo Stroessner Matiauda (1954-1989), Susnik concluiu e publicou vários estudos, muitos sobre línguas indígenas, deixando um legado de oitenta e uma publicações entre livros e artigos publicados em castelhano, esloveno, francês e inglês; a maioria está em castelhano (Pusineri, 1998). Seus trabalhos inovaram os estudos etnológicos e etnohistóricos no Paraguai, haja vista as abordagens antropológicas e sociológicas que fez sobre temáticas indígenas. Ela ainda organizou e ministrou vários cursos, seminários e conferências, a maioria sobre Antropologia Paraguáia. Além disso, por mais de vinte anos foi titular da cátedra de Etnologia e Arqueologia Americana no Curso de História, Faculdade de Filosofia, da Universidade Nacional de Asunción, da qual recebeu o título de Professora Honorária.

Para muitos cientistas sociais, Susnik foi a incansável pesquisadora que mais contribuiu para a compreensão dos povos indígenas no Paraguai, inclusive pelo pioneirismo no estudo da Etnoistória de vários povos indígenas, especialmente dos Guaraní na região platina (vide Melià, 1987). Mas isso não é tudo. Suas investigações arqueológicas, etnohistóricas e etnológicas também são relevantes para um melhor entendimento da presença indígena na região do Pantanal e áreas adjacentes, com destaque para a zona chaquenha. Além disso, Susnik foi uma das pensadoras que mais analisaram a formação do povo para-

guai, em especial no período que vai do século XVI ao XIX.

Em 1992, já no período da redemocratização do Paraguai e de quase toda a América Latina, o governo nacional em reconhecimento ao seu trabalho silencioso, dedicado e solitário e a seus aportes à cultura paraguáia, homenageou-a com o primeiro Prêmio Nacional de Ciências, instituído pelo Congresso Nacional, e, no mês seguinte a sua morte, outorgou-lhe postumamente a condecoração da Ordem Nacional no Grau de Grão Oficial (Pusineri, 2000).

Tanto Branka Susnik quanto Max Schmidt, os dois antropólogos que trabalharam no que é hoje o Museu Etnográfico "Andrés Barbero" e lecionaram na Universidade Nacional de Asunción, possuem uma história muito semelhante: fizeram da ciência o maior propósito de suas vidas.

Susnik ainda empreendeu algumas investigações arqueológicas no Paraguai, quase todas motivadas pela necessidade de resgatar material ergológico, salvaguardando-o no Museu Etnográfico "Andrés Barbero", do qual foi diretora até o dia de sua morte. Merece destaque a expedição realizada em 1956 à porção paraguáia do alto Paraguai, desde a localidade de Puerto Guarani até a região da baía Negra, antigos portos de exportação de tanino e áreas de intenso contato entre índios e não-índios. Como bem avaliou Peña (1999), de todas as suas investigações arqueológicas, essa foi a única em que ela elaborou um informe analítico, o artigo intitulado *Material Arqueológico del Área Alto-paraguayense* (Susnik, 1959a); foi também seu primeiro trabalho de campo em território paraguai. Trata-se de um estudo pouco conhecido fora do Paraguai, um texto reproduzido pela própria autora através de um mimeógrafo, prova de seu esforço pessoal em divulgar os trabalhos feitos à frente do Museu Etnográfico e superar as dificuldades infra-estruturais da própria instituição.

Essa expedição, que contou com apoio do governo paraguaio e da Fundação La Piedad, teve por objetivo concluir um reconhecimento preliminar da Arqueologia do Departamento de Alto Paraguai, visando o desenvolvimento de futuras investigações sistemáticas (Susnik, 1959a, 1984). Em termos ambientais, a região explorada é muito semelhante à porção brasileira do Pantanal. Fontes textuais dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, por sua vez, comprovam haver uma forte relação entre as populações indígenas que ocuparam as duas áreas, situação esta que historicamente pode ser explicada por múltiplos fatores, dentre os quais a pressão que a Conquista Ibérica impôs aos povos indígenas que viviam no Chaco e no Pantanal, causando-lhes deslocamentos territoriais, contatos extra-grupais, cisões grupais, guerras e muitos outros impactos. Isto não significa, todavia, que antes do contato com os conquistadores europeus esses povos não mantiveram contatos entre si, pelo contrário.

Um dado interessante da pesquisa é que durante os trabalhos de campo a autora esteve acompanhada de cinco xamãs Chamacoco, seus informantes e guias, os quais não somente a ajudaram na localização de alguns sítios, mas também lhe transmitiram sua interpretação *êmica* sobre determinados aspectos da Arqueologia daquela região. Durante a expedição foram encontrados, ao menos, cinco sítios arqueológicos, todos do tipo a céu aberto e com evidências materiais de terem sido ocupados por populações ceramistas, situados nas localidades de Punta Valinotti, Puerto 14 de Mayo, confluência dos rios Ypané e Paraguai, Puerto Guarani e Puerto Casado. É muito provável, ainda, que em 1956 Susnik tenha adentrado em território brasileiro, possivelmente na região do Nabileque, registrando algumas impressões sobre a área e visitando alguns sítios arqueológicos do tipo estrutura monticular (*aterro* ou *mound*).

Em Puerto 14 de Mayo foi encontrado um grande sítio arqueológico do tipo *mound* ou *conchal* com mais de 10 m de altura em alguns pontos e milhares de metros quadrados de extensão. Esse sítio, o qual lembra certos *aterros* da região do Pantanal, já havia sido mencionado pelo etnólogo italiano Guido Boggiani, quem lá esteve na segunda metade do século XIX (Susnik, 1959a).

Puerto 14 de Mayo é uma localidade que em linha reta está situada há cerca de 155 km da cidade sul-matogrossense de Porto Murinho (Brasil), à margem direita do rio Paraguai, aproximadamente entre 20°81'08"S e 58°06'47"W. O material cerâmico existente no local lembra o que ocorre nas proximidades de Corumbá, o qual foi rebatizado por Rogge & Schmitz (1992) de *tradição Pantanal*, tendo sido parcialmente analisado por Eremites de Oliveira (2002a).



Fig. 06 - Foto do aterro do Puerto 14 de Mayo, naa República do Paraguai. (Foto de Adelina Pusineri, 1990).

Branka Susnik ainda regressou a Puerto 14 de Mayo em fevereiro de 1990, acompanhada de Adelina Pusineri, tendo recolhido outra quantidade de material arqueológico do sítio, grande parte previamente selecionado *in situ* e proveniente da escavação de duas trincheiras, executadas sem controle da estratigrafia natural.

Em que pese todas dificuldades encontradas ao analisar parte da obra de Susnik, avalio que é preciso registrar, desde antemão, que sua maior especialidade era a Antropologia (Etnoistória,

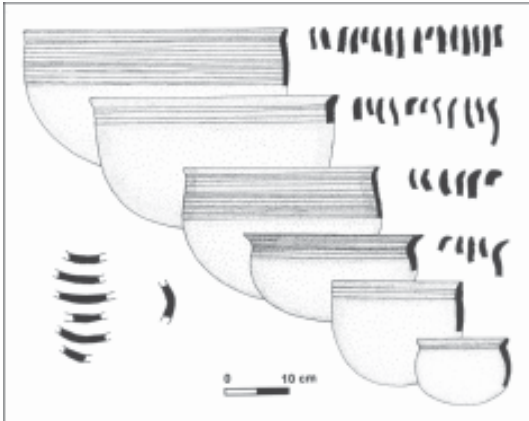


Fig. 07 - Reconstituição gráfica de alguns tipos de recipientes cerâmicos da *Tradição Pantanal* encontrados no Puerto 14 de Mayo (Eremitas de Oliveira, 2002a:191).

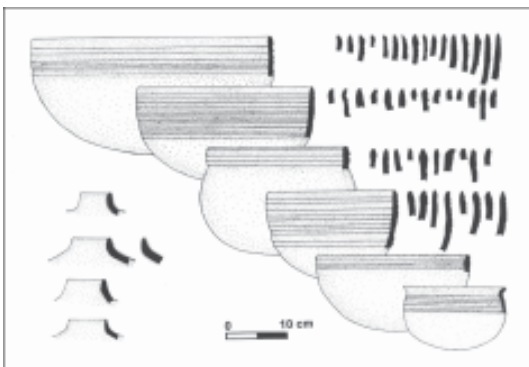


Fig. 08 - Reconstituição gráfica de alguns tipos de recipientes cerâmicos da *Tradição Pantanal* encontrados no Puerto 14 de Mayo (Eremitas de Oliveira, 2002a:192).

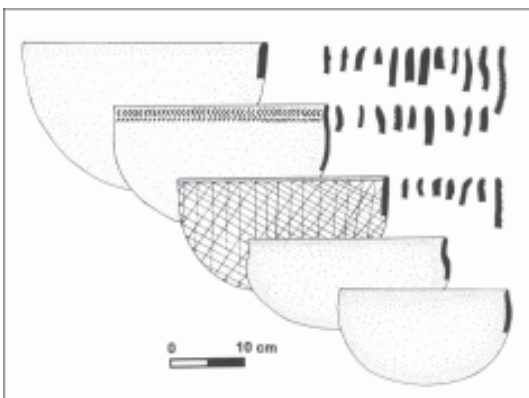


Fig. 09 - Reconstituição gráfica de alguns tipos de recipientes cerâmicos da *Tradição Pantanal* encontrados no Puerto 14 de Mayo (Eremitas de Oliveira, 2002a:190).

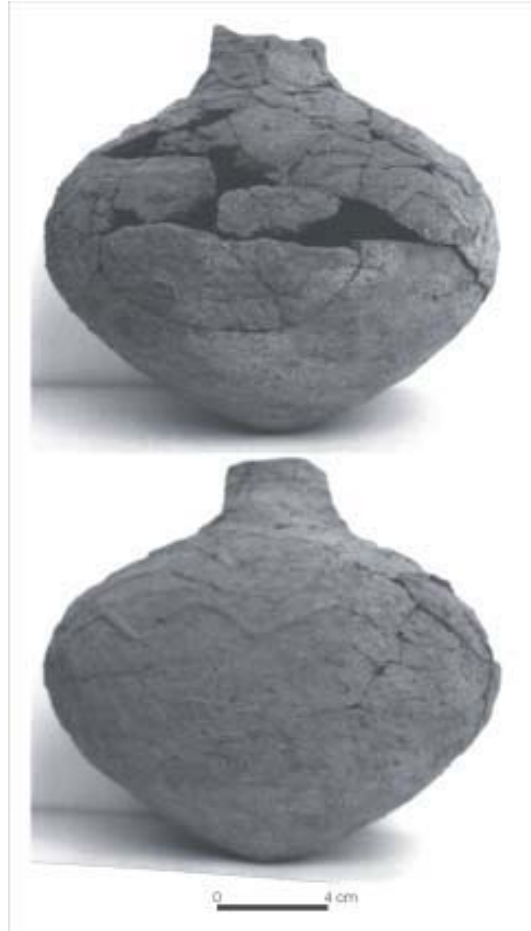


Fig. 10 - Recipiente cerâmico da *Tradição Pantanal* encontrado no Puerto 14 de Mayo e exposto no Museu Etnográfico "Andrés Barbero" (Eremitas de Oliveira, 2002a:197).

Etnologia e Lingüística), embora tivesse estudado e lecionado Arqueologia. No que diz respeito à sua formação teórica, tendo em vista que ela aconteceu na Europa da primeira metade do século XX, incluindo a Áustria, penso que deve ter sido marcada pelo *historicismo* da Escola de Viena, também conhecido nas ciências sociais como *difusionismo* ou *Escola Histórico-cultural* (Poirier, 1981; Bernardi, 1988; Harris, 1993, 1995; dentre outros). Sobre o *historicismo*, José Alcina Franch fez o seguinte comentário:

O *historicismo* que caracteriza a Escola de Viena e do qual participam em maior ou menor medida todos os pré-historiadores

do Velho Mundo, até datas recentes, representa um esforço sério e profundamente científico por superar as numerosas deficiências oferecidas pela excessivamente simplista orientação evolucionista clássica: toma do próprio evolucionismo aquelas idéias que considera mais positivas e seguras, aprofunda e refina sua metodologia e chega a criar um dos quadros interpretativos mais universais, coerentes e compreensivos dos quantos se haviam elaborado até então, para explicar as grandes diferenças e profundas semelhanças entre as culturas do passado e do presente da Humanidade (Alcina Franch, 1989:28).

Maria Eunice Jardim Schuch, por sua vez, assim pontuou:

Uma das maiores autoridades que trata das populações do Alto Paraguai do ponto de vista etnohistórico é, sem dúvida, Branislava Susnik, que realiza suas pesquisas a partir do Museu Etnográfico 'Andrés Barbero', em Assunção. Sua obra é imensa e abrange praticamente todas as etnias do Paraguai, detendo-se especialmente nos Guaraní, além de trabalhos que abordam etnias de outras regiões. Seu trabalho é marcadamente difusionista: ela procura analisar a expansão das etnias levando em conta traços culturais que são transmitidos de uma etnia para outra, trata as migrações e deslocamentos populacionais a partir da pressão exercida por alguns grupos sobre outros na disputa de territórios, por locais de caça e coleta, entre outros (Schuch, 1995:13).

Continua:

De certa forma, esta perspectiva está presente em toda a obra da autora, que trabalha fundamentalmente a partir da análise de fontes documentais e apresenta um esquema amplo sobre a dispersão de vários grupos do Chaco e regiões vizinhas. Pela carência de dados arqueológicos para a área, Susnik trabalha basicamente com fontes documentais o que, às vezes, faz com que se coloquem em dúvida algumas de suas afirmativas (Schuch, 1995:14).

Na verdade, Susnik foi quem mais analisou, via método comparativo, as fontes textuais de valor etnohistórico e a literatura etnológica sobre os povos in-

dígenas do Chaco e do Pantanal. Isso explica o interesse que ela tinha pela bacia do alto Paraguai, em tese uma das principais rotas fluviais para migrações indígenas (pré-históricas e históricas) no centro da América do Sul. Seu estilo de redação científica, no entanto, é conhecido por ser pouco ortodoxo do ponto de vista acadêmico *stricto sensu*, às vezes de difícil compreensão e marcado pela ausência de maiores discussões sobre as fontes utilizadas, o que em muito dificulta a compreensão de algumas de suas idéias. Sem embargo, avalio que no geral seus estudos superaram praticamente todos os trabalhos anteriormente publicados, como é o caso dos de Ludwig Kersten (1968 [1905]) e Alfred Métraux (1942, 1944, 1963). Avalio que uma leitura apurada sobre a obra completa de Susnik, algo que ainda não foi feito por nenhum pesquisador, requer, necessariamente, analisar vários de seus textos e situá-los no contexto da época em que foram produzidos, percebendo assim o desenvolvimento de seu pensamento. Isso porque, ao que tudo indica, ela teve momentos difíceis em sua vida pessoal, situações estas que talvez expliquem seu estilo de escrever em determinados momentos de sua carreira.

Recentemente, apenas para citar um exemplo, Maria Cristina dos Santos, autora do artigo *Clastres e Susnik: uma tradução do "Guaraní de papel"*, embora tenha chamado Branka Susnik de "Mãe-Fundadora da Etnohistória Guaraní" [*sic.*] (Santos, 1999:207), teceu várias críticas à autora, algumas inclusive em tom pouco elegante. Eis uma delas:

Criadora, provavelmente involuntária, da Associação Guaraní de Normas Técnicas da Susnik-AGNTS, persiste ao longo de suas publicações um texto em que as referências bibliográficas e/ou documentais são um mero apêndice, não havendo nenhuma necessidade de relação entre dado/informação/nota/referência documental ou bibliográfica⁵. Aquele mais desavisado, que ten-

⁵ Da mesma maneira que sintetiza as referências bibliográficas, Susnik atua em relação às referências de documentos e obras do Arquivo Nacional de Asunción, que possui seções arbitrariamente organiza-

tar a peripécia de conferir, terá a dimensão do que se afirma acima (Santos, 1999:209).

Esse tipo de análise, provavelmente realizada a partir de uma leitura sincrônica de parte da produção intelectual da antropóloga, pode sugerir aos mais afoitos que Susnik não analisou todas as fontes mencionadas em seus livros e artigos. Contudo, as centenas de fichas de leitura guardadas no Museu Etnográfico "Andrés Barbero" podem comprovar que ela não fazia uso de sofismas em seus estudos. Pelo contrário, era uma pesquisadora que registrava a seu modo as fontes textuais primárias e secundárias analisadas. Uma prova de que a autora conhecia e bem as fontes textuais da época colonial, por exemplo, é a obra *Introducción a las fuentes documentales referentes al índio colonial del Paraguay*, um importante guia escrito por ela própria (Susnik, 1992).

Em *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, Bartomeu Melià, provavelmente o maior especialista da atualidade em Etnologia e Etnoistória Guarani, quem conheceu pessoalmente Susnik, escreveu uma avaliação sensata sobre a autora. Segue um trecho de sua análise:

A Dra. Branislava Susnik, desde seus *Apuntes de etnografía paraguaya* (1961), traça uma etnoistória guarani em sentido estrito, que será desenvolvida em numerosas e contínuas novas publicações. Com formulações muito sintéticas e críticas, as obras de Susnik apresentam uma história do Guarani bem diferente da imaginada e ideologizada pela historiografia tradicional de inspiração liberal, que dominava no Paraguai até então.

Pesquisa de novas fontes históricas nos arquivos, aplicação de uma hermenêutica a partir de categorias antropológicas, fidelidade aos dados e propostas de hipóteses originais, marcam as formas da etnoistória guarani elaborada por esta incansável pes-

quisadora. Junto a isso, porém, um estilo extremamente conciso, certa desordem na apresentação do discurso, um nada convencional sistema de abreviaturas e citações, dificultam consideravelmente a leitura desses textos e até a sua reta compreensão (Melià, 1987:68).

As palavras de Melià sugerem, dentre outras coisas, que os estudos e as idéias de Susnik, divulgados por meio de palestras, aulas e publicações, também serviram de contraponto a certas representações construídas acerca dos povos Guarani e de sua participação na constituição histórica e sociocultural da sociedade paraguaia. Segundo o autor, tais representações eram defendidas por partidários de uma historiografia tradicional de inspiração liberal, vigentes na época. Logo, ainda que de maneira discreta, a seu modo ela também atuou na desconstrução de alguns *mitos* historiográficos sobre os povos Guarani, bem como na construção e vulgarização de outras imagens, por sinal mais críticas que as anteriores, algo bastante relevante para repensar a própria identidade nacional paraguaia.

Os trabalhos de campo em Arqueologia realizados por Branka Susnik, por outro lado, são metodologicamente semelhantes aos de Max Schmidt, embora os dele sejam mais detalhados, principalmente quanto à descrição e localização dos sítios. Ambos não chegaram a fazer modernas escavações arqueológicas, até porque suas explorações foram feitas em grandes áreas, com pouco tempo disponível, precárias condições infraestruturais e paralelamente a pesquisas de cunho etnográfico. No que diz respeito às interpretações teóricas, as de Schmidt são caracterizadas por um enfoque ecológico, materialista, como explicado anteriormente, ao passo que as de Susnik são marcadas por uma leitura

das, melhor seria dizer reunidas (Seção História ou Nueva Encadernación). Exemplo de referências resumidas: 'No faltavan las ventas de 'puestos de estancias' de más de 2500 hectares de dimensión. [IH-127, N°2.]. Cf. Susnik, Branislava. *Una visión sócio-antropológica del Paraguay del siglo XVIII*. Asunción, 1990-91, p. 108. Encontrar algum dado com estas referências é mero golpe de sorte (Santos, 1999:209).

menos materialista e mais simbolista, cognitiva e geralmente mais elaborada sob certos aspectos, via de regra lançando mão de um enfoque etnográfico.

Esse enfoque etnográfico, na maioria das vezes feito por meio de analogias etnográficas/históricas diretas (método comparativo), foi sistematicamente usado para compreender sistemas socioculturais do passado pré-histórico, podendo ser chamado de *enfoque histórico direto* (Willey & Sabloff, 1980; Trigger, 1992; Renfrew & Bahn, 1998 e outros).

Um dos maiores problemas do enfoque histórico direto está na projeção histórica feita sobre o passado pré-histórico. Como os sistemas socioculturais são dinâmicos, em geral não há como precisar, a partir apenas do conhecimento do presente etnográfico, quais as continuidades e as discontinuidades ocorridas em uma região durante um período que pode compreender séculos ou milênios. Essa discussão, aliás, tem sido muitíssima debatida na Arqueologia Estadunidense e tornou-se ainda mais intensa com o surgimento da Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual, na década de 1960. Embora o conhecimento do passado pré-histórico pressuponha a realização de pesquisas arqueológicas, as interpretações teóricas são, inevitavelmente, marcadas pelo conhecimento que se tem sobre a realidade etnográfica/histórica.

Em muitas das publicações de Branka Susnik, a Arqueologia e a Etnologia aparecem conectadas, como sendo ramos da Antropologia, inclusive servindo para a construção de uma História Indígena mais ampla e contínua do ponto de vista espaço-temporal. Daí compreender *grosso modo* muitos de seus modelos explicativos como teorias de médio alcance.

No ensaio *Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico)*, publicado na Argentina e no Paraguai em 1972, Susnik (1972a, 1972b) apresentou, pela primeira vez,

um texto com a concatenação de suas idéias sobre as migrações pré-históricas ocorridas na área chaquenha e em sua periferia, as quais amiúde abordou em estudos posteriores. Ela propôs modelos migratórios para povos chaquenos lingüisticamente Guaicuru, Lengua/Enimagé-Cochaboth, Maskoy, Mataco e Zamuco, sugerindo ainda a existência de três núcleos culturais na periferia do Gran Chaco: a) Guapay-Bermejo; b) Guapay-alto Paraguai; e c) alto Paraguai-*litoral* fluvial do Paraná, por sua vez subdividido em zona alto-paraguaiense, zona rio Paraguai até o rio Paraná e núcleo cultural *litorâneo*. A autora apontou as principais vias hidrográficas das regiões chaquenha e pantaneira como rotas de migrações pré-históricas, motivadas por pressões demográficas, para o centro do subcontinente sul-americano:

Ao iniciar-se a Conquista hispânica, os povos do Gran Chaco manifestavam um estado de eferescência migratória e se achavam em plena belicosidade interétnica, lutando por lugares de caça e pesca substancialmente mais aptos. Tal situação se devia a várias ondas de deslocamentos pré-colombianos na mesma periferia do Gran Chaco, circunstanciando diversos contatos interétnicos e condicionando algumas variações culturais e caracteres etnopsicológicos distintos nas tribos chaquenas (Susnik, 1972a:7).

É preciso reconhecer que as interpretações de Susnik demonstram uma extraordinária capacidade de erudição teórica, marcada por um raciocínio dedutivo e por um profundo conhecimento das fontes textuais. Entretanto, muitas de suas idéias difusionistas, inclusive as interpretações psicoculturais, carecem de dados arqueológicos; elas podem ser consideradas modelos hipotéticos que, na mais pessimista das avaliações, comprovam a existência de uma rica e complexa diversidade sociocultural no Chaco, no Pantanal e em áreas adjacentes, cujas origens recuam ao passado pré-histórico, quer dizer, que não se trata de mero saldo da Conquista Ibérica. Atestam ainda a ocorrência de contatos in-

terétnicos entre povos indígenas das terras baixas platinas com povos das terras altas andinas, os quais resultaram em mudanças socioculturais. Mais: demonstram que alguns povos indígenas do Pantanal, a exemplo dos Xaray (Arawak), possuíam uma organização social e econômica marcada pela existência de hierarquias entre os indivíduos, ou seja, de uma complexidade sócio-política que emergiu em tempos pré-históricos e ficou mais conhecida pelos relatos produzidos por conquistadores dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Por outro lado, sua tese a respeito das migrações pré-históricas motivadas basicamente por pressões demográficas, associadas a conflitos por áreas com maior capacidade de suporte para atividades de caça e pesca, merecem ser relativizadas à luz de aportes como os clássicos *Man the Hunter* (Lee & De Vore, 1973) e *Economía de la Edad de Piedra* (Sahlins, 1977), obras que derrubaram antigos paradigmas evolucionistas sobre a subsistência de caçadores-coletores, além de estudos regionais como os de *Eremitas de Oliveira & Viana* (1999/2000), *Migliacio* (2000) e *Eremitas de Oliveira* (2002a). Além disso, as classificações raciais que estão presentes nessa e em outras obras de sua autoria, baseadas unicamente em características fenóticas, não são mais aceitas diante das modernas contribuições da Genética. Essas observações são válidas para a maioria dos trabalhos científicos de Branka Susnik, em especial para aqueles de interesse ao estudo da pré-história pantaneira.

Três anos depois, em 1975, a autora publicou o livro *Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica: ensayo analítico* (Susnik, 1975), provavelmente um de seus livros mais citados fora do Paraguai, especialmente entre os brasileiros especializados em Arqueologia Guarani como Brochado (1984), Noelli (1993), Noelli et al. (1996) e Soares (1997). Uma outra obra sua também tem sido freqüentemente

recorrida em estudos sobre os povos Guarani dos primeiros contatos com os europeus: *El indio colonial del Paraguay. El Guaraní colonial* (Susnik, 1965). Mas com a série *Los Aborígenes del Paraguay*, ensaios importantes para a Arqueologia Pantaneira foram publicados, merecendo destaque os conhecidos *Etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)* (Susnik, 1978) e *Cultura Material (Guaraníes y Chaquenhos)* (Susnik, 1982). A primeira, que considero um clássico da autora, contém um capítulo inicial que trata exclusivamente dos povos indígenas do alto Paraguai. A segunda contém uma gama notável de dados etnográficos, sistematicamente coletada, organizada e analisada, de grande relevância para a caracterização dos sistemas socioculturais Guarani e chaquenhos dentro de uma perspectiva sincrônica e diacrônica. Nesses três trabalhos Branka Susnik prossegue com o enfoque histórico direto que lhe é peculiar, tratando de questões como adaptação ecológica, contatos interétnicos, cultura material, difusão cultural, migrações pré-históricas, organização social, territorialidade e alguns outros.

Dos últimos livros publicados pela antropóloga, dois são muito interessantes: *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – I: formación y dispersión étnica* (Susnik, 1994) e *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – II: el hombre, persona y agente ergológico* (Susnik, 1995a). Os dois trabalhos contêm uma síntese de idéias que Susnik amadureceu ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 (vide Susnik, 1975), extrapoladas para uma área geográfica maior, o subcontinente sul-americano. Carecem, contudo, de uma exaustiva análise da literatura arqueológica mais recente sobre as temáticas investigadas.

Afora os trabalhos citados, outros merecem destaque: *Las características etno-socio-culturales de los aborígenas*

del Paraguay en el siglo XVI (Susnik, 1987), *Introducción a las fuentes documentales referentes al indio colonial del Paraguay* (Susnik, 1992), *Poblados – Viviendas: manufactura utilitária (ámbito sudamericano)* (Susnik, 1996) e *Artesanía Indígena* (Susnik, 1998a). Todos são importantes para estudos arqueológicos (especialmente os etnoarqueológicos), etnohistóricos e etnológicos sobre os povos indígenas da região pantaneira.

Finalmente, quero dizer novamente e repetidas vezes que uma análise exaustiva sobre a obra completa de Branka Susnik ainda está por ser feita. De todo modo, suas idéias precisam ser avaliadas dentro de uma perspectiva histórica e historiográfica, sempre as percebendo no contexto de sua época e no âmbito do desenvolvimento das ciências sociais no Paraguai.

Outros autores importantes

Além de Max Schmidt e Branka Susnik, alguns outros pesquisadores contribuíram para o conhecimento dos povos indígenas nas terras baixas do alto Paraguai, sobretudo da década de 1870 à de 1980, período recentemente denominado como o *primeiro momento* da Arqueologia Pantaneira (Eremites de Oliveira, 2002b).

Ao que pude saber, o general João Severiano da Fonseca (1836-1897), cientista, médico e patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, foi o primeiro a registrar, analisar e publicar informações sobre um sítio arqueológico existente na região. Trata-se de um sítio com inscrições rupestres existente na lagoa Gaíba (ou Gaíba), em Mato Grosso do Sul, conhecido regionalmente como *letreiro da Gaíba*. No dia 27 de julho de 1875, ao subir o rio Paraguai no barco Taquary, o autor fez o seguinte apontamento que consta no livro *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*, publicado pela primeira vez em 1880 e republicado em 1986:

Aí no começo do canal, a uns quinhentos metros do rio, há outro maciço de gnaíse em direção SE-NO, conhecido como *Morro do Letreiro*; numa face cortada a pique, e como se fora adrede preparada, estão gravados por mão de homem, selvagem sem dúvida, os seguintes sinais conhecidos pelo título de *Letreiro da Gaíba*:

Alguns deles estão feitos abaixo do limite das águas naturais e só em tempo de baixa do rio podem ser vistos.

Parecem ser a representação do sol, lua, estrelas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onças e folhas de palmeiras, no mesmo gênero das de quase todas as encontradas nos *itacoatiaras* do Brasil, entre as quais se apresentam, como melhores, a de *Curumatá*, no Piauí, atribuída aos gregueses, e a do *Morro do Cantagalo*, na margem esquerda do Alto Tapajós, onde, num paredão também a prumo, o artista selvagem, mas curioso e observador da natureza, gravou umas quinze figuras, das quais o homem, os pássaros, os répteis guardam uma certa naturalidade, parecendo que para tipo daquele foi escolhido o missionário, o que, entretanto, sem merecer o artefato, tira-lhe o cunho da veneração que sempre acompanha a antigüidade desconhecida.

Lacerda demarcou o letreiro aos 17°42'48" (Ricardo Franco difere apenas em 12" mais ao sul) e o Sr. barão de Melgaço em 17°43'36" de lat (Fonseca, 1880, v.1:326-327).

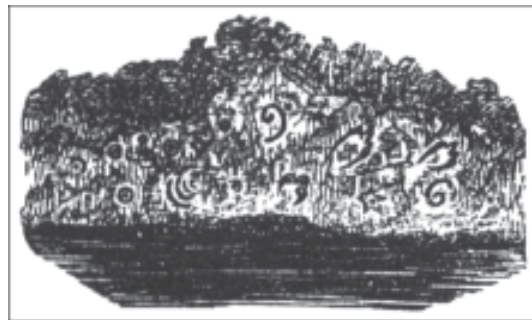


Fig. 11 - Primeiro desenho publicado do *Letreiro da Gaíba* (Fonseca, 1880, v.1:327).

O registro apresentado por Fonseca é bastante detalhado para a época, sendo inclusive mencionado por Alfredo M. de Souza (1991) em seu livro *História da Arqueologia Brasileira*. Suas interpretações sobre os signos rupestres também apresentam uma lógica dedutiva na

medida em que o autor os associa a antigas populações indígenas, decodificando-os como sendo elementos da natureza e os relacionando com o cotidiano indígena: sol, lua, estrelas, mão e pé de homem, pata de onças e folhas de palmeira. Seu desenho, porém, não é tão fidedigno quanto o feito por Max Schmidt (1942a:120 [1905]) em 1901. Nesse caso em específico, a interpretação de Fonseca destoa da de muitos de seus contemporâneos do Nordeste e de outras regiões do Brasil, haja vista que nela não há uma leitura fantasiosa sobre as gravuras encontradas no Pantanal (vide Martin, 1996). Schmidt (1942a:119), no entanto, não deu crédito algum a essa leitura afirmando que “aquelas figuras nada apresentam que possa relacionar-se com semelhante interpretação”, pois podem “representar imagens de qualquer idéia”. Anteriormente a eles, entre as décadas de 1710 e 1720, época da exploração de ouro nas minas de Cuiabá, atual capital de Mato Grosso, o conquistador Antônio Pires de Campos (1862:442) havia mencionado a existência do *letreiro da Gaíva*, interpretando-o como sendo uma cruz de pedra feita pelo apóstolo São Tomé, seguindo assim a ideologia cristã comum para época.

No século XIX, vele a pena saber, muitos intelectuais brasileiros associavam sítios arqueológicos a povos de além-mar (fenícios, gregos, vikings etc.). Era preciso encobrir a ancestralidade indígena do povo brasileiro e engendrar uma trama mais complexa, a constru-



Fig. 12 - Segundo desenho publicado do *Letreiro da Gaíva* (Schmidt, 1942a:120).

ção de uma identidade nacional, associada a povos e culturas *nobres* ou *civilizadas* do Velho Mundo, sobretudo da Europa e do Oriente Próximo. Essa tarefa foi abraçada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituição ligada à Monarquia e encarregada do projeto de construção da identidade nacional após a independência política do Brasil, ocorrida em 1822 (Martius, 1991; Campos, 1977; Langer, 1997a, 1997b; Guimarães, 1988). O IHGB, por seu turno, lançou mão do que Ferreira (1999) chamou de *Arqueologia Nobiliárquica*, ou seja, de uma Arqueologia que pudesse elevar o Brasil à categoria de *nação civilizada*. Isso poderia ser feito através da descoberta de um passado nobre, ainda que situado em um longínquo passado arqueológico, para o Império do Brasil.

João Severiano da Fonseca dedicou seu livro ao Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, do qual era membro. Também pertenceu ao próprio IHGB, embora não tenha sido um de seus membros mais notáveis na área da Arqueologia Nobiliárquica. Também era irmão de Deodoro da Fonseca, militar que participou da trama da Proclamação da República no Brasil, em 1889, vindo a ser o primeiro presidente do país. No governo de Deodoro, João Severiano foi senador da Assembléia Constituinte (Souza, 1978). Evidentemente que ele não foi um leigo no registro de sítios arqueológicos. Além disso, o militar esteve em Mato Grosso para participar de uma comissão que tinha por finalidade demarcar as fronteiras do Brasil com a Bolívia, comissão que foi presidida pelo então coronel de engenheiros Rufino Enéas Gustavo Galvão, o barão de Maracaju, que havia atuado na demarcação dos limites do Brasil com o Paraguai após a guerra (entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, de 1864 a 1870).

Os etnógrafos Richard Rohde (1885 [1883] *apud* Baldus, 1954), Julio Koslowsky (1895 [1894]) e Herrmann Meyer ³/₄quem acompanhou a expedição

de Karl von den Steinen ao Xingu (Rego, 1899)^{3/4}, por seu turno, visitaram alguns sítios pertencentes a antigos povos agricultores e ceramistas, portadores da *tradição Descalvado*, existentes na porção setentrional do alto curso do rio Paraguai, atual Mato Grosso. Eles chegaram mesmo a recolher algum material arqueológico, geralmente urnas funerárias, para aumentar o acervo ergológico dos museus em que trabalhavam (Eremites de Oliveira & Viana, 1999/2000; Migliacchio, 2000). Outras pessoas, etnógrafos de formação ou com habilidade no registro de dados culturais, como Hercules Florence (1875, 1948, 1977a, 1977b [1827]), Guido Boggiani (1898 [1897]), Cândido Mariano da S. Rondon (1949 [1900-1906]), Theodoro Roosevelt (1944 [1913]), Claude Lévi-Strauss (1998 [1935-1936]) e Frederico Rondon (1938 [1937]), chegaram mesmo a registrar a existência de estruturas monticulares construídas por indígenas na planície de inundação do Pantanal, inclusive tecendo algumas interpretações sobre eles. As avaliações feitas geralmente associaram essas estruturas a povos indígenas da região, como o Guató, ou, o que é menos freqüente, descartaram a possibilidade de sua origem estar ligada à intervenção humana nas paisagens regionais.

A maior parte das pessoas citadas não foi ao Pantanal para, dentre outras coisas, realizar pesquisas arqueológicas visando conhecer o passado de populações indígenas. Muitas delas, a exemplo de Rohde (1885) e Koslowsky (1895), estavam mais interessadas em recolher peças arqueológicas para museus do que buscar respostas para problemas referentes à compreensão da pré-história regional. Na época, observar e *coletar era mais que um objetivo científico. Era quase uma missão, especialmente para a etnografia* (Porto Alegre, 1994: 63). Outras, como é o caso de Rondon (1949), Roosevelt (1944) e Lévi-Strauss (1998), ao longo de suas viagens também produziram registros etnográficos

e paisagísticos de relevância à Arqueologia Pantaneira.

Posteriormente, em 1965, Betty J. Meggers e Clifford Evans, coordenadores do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), desenvolvido entre 1965 e 1970 no território brasileiro, chamaram a atenção para a potencialidade arqueológica da bacia do alto Paraguai, conseqüentemente do Pantanal:

Qualquer pesquisa arqueológica obedecerá a um plano previamente preparado, após a consulta e o estudo do mapa do Estado, Município ou região que desejamos investigar. Tomemos, por exemplo, o Estado de Mato Grosso ... O Estado de Mato Grosso representa praticamente o papel de divisor de águas continentais. Os rios na parte norte se dirigem ao rio Amazonas, enquanto os do sul desembocam no oceano Atlântico. As cabeceiras desses rios são formadas por numerosos cursos d'água, alguns dos quais quase interligados. Apenas alguns quilômetros separam certos tributários dos rios Juruema e Paraguai. Considerando que os rios constituem uma das vias principais de deslocamento dos grupos de índios da Floresta Tropical, surge a hipótese de que tenham eles servido como vias de migração e difusão, tornando esta área um possível ponto de convergência de influências tanto do norte como do sul.

Um plano de pesquisa arqueológica deveria considerar esta hipótese. Assim, em Mato Grosso, escolheríamos as áreas que se seguem para uma prospecção sistemática: 1) rios Juruema e São Manuel e seus tributários; 2) rio Xingu e seus tributários; 3) rio Araguaia e seus tributários; 4) rios Paraguai e Taquari e seus tributários; 5) rio Paraná e seus tributários; 6) rio Guaporé e seus tributários. Estas seis áreas comandam as principais rotas fluviais do norte, oeste e sul ao longo das quais poderiam ter sido canalizadas as influências para o Estado (...) (Meggers & Evans, 1965:29-30).

Infelizmente, o exemplo proposto por Meggers & Evans não despertou o imediato interesse de algum arqueólogo brasileiro ou de outra nacionalidade. Outras áreas do país chamaram mais atenção, seja pelo fato de estarem inseridas nos círculos de debates acadêmicos, seja por possuírem instituições de pesquisa e pro-

fissionais que investiram no desenvolvimento de estudos sobre a pré-história do país, razões pelas quais a bacia do alto Paraguai não foi incluída no PRONAPA.

No início dos anos 70 do século XX, o matogrossense J. Lucídio N. Rondon (1971, 1972) publicou os livros *No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso e Tipos e aspectos do Pantanal*, divulgando interessantes informações arqueológicas e etnográficas sobre aterros, possivelmente Guató, existentes no pantanal de Poconé, Mato Grosso.

Na mesma época, o naturalista Lehel de Silimon (1972), na época funcionário da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT), registrou junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do governo brasileiro responsável pela preservação do patrimônio arqueológico do país, alguns sítios que localizou no município de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Esse foi o primeiro registro oficial de sítios arqueológicos existentes na região brasileira do Pantanal.

Logo depois, o também naturalista Fritz Vlastibor Bluma (1973) publicou um artigo mencionando a ocorrência de vários locais com inscrições rupestres e sítios com cerâmica indígena. Seus dados serviram de base para parte do trabalho do historiador Lécio G. de Souza (1973), autor do livro *História de uma região: Pantanal e Corumbá*⁶. Ambos os autores lecionaram no antigo Centro Pedagógico de Corumbá (CPC), unidade da antiga Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), atualmente o Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

No mesmo ano de 1973, o historiador paraguaio Carlos Alberto Pusineri Scala (1973), arqueólogo amador, cole-



Fig. 13 - Aterro ou *Yvychoví* chamado Isla Juan Tomas, encontrado na República do Paraguai e estudado por Carlos Alberto Pusineri Scala (Pusineri Scala, 1973:124)

cionador de antiguidades e intelectual bastante respeitado em seu país (Cáceres, 2000), publicou o ensaio *Los montículos yvychoví del Paraguay* tratando de aterros existentes em áreas alagadiças como Yverá e Ypoá⁷. São sítios que ocorrem em zonas inundáveis, correspondentes a estruturas monticulares formadas, também, por grande quantidade de sedimentos, ossos de peixes e conchas de moluscos aquáticos como bivalves e gastrópodes. Esse é o mais completo trabalho de sistematização e a melhor interpretação de informações sobre aterros no Paraguai. No artigo há, inclusive, dados obtidos em escavações que o próprio autor fez em Puerto Victoria, em 1957, e, em parceria com Leonardo Manríquez Castañeda, nos campos de Yvytími, em 1962, de forma semelhante às escavações de Branka Susnik em Puerto 14 de Mayo.

Ainda na década de 1970, o arqueólogo brasileiro José Afonso de M. B. Passos (1975), então pesquisador e professor da Universidade de São Paulo (USP), defendeu uma tese de livre-docência em Pré-história versando sobre inscrições rupestres ou petroglifos existentes em Corumbá e em outros pontos do Brasil, Bolívia e Paraguai.

⁶ Trata-se do volume I – *Pré-história e tribos indígenas*. O volume II foi publicado na década de 1980 sob o título *História de Corumbá* (L. Souza, s.d.).

⁷ Na língua Guaraní, *yvychoví* significa, literalmente, *terra cônica* (*yvy* = terra; *choví* = cônica). Em julho de 2000, pude conhecer alguns aterros existentes no lago de Ypoá. No Paraguai *aterros* também são conhecidos como *islas, cerritos, lomas e montículos*.

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal

Quadro 2: Aterros ou *yvychoví* encontrados no Paraguai.

NOME DO SÍTIO	LOCALIZAÇÃO
Vários sítios	Lago Yverá
Vários sítios	Lago Ypoá
Vários sítios	Localidade de estero Cambá, inclusive em San Juan Bautista del Ñeembucú
Vários sítios	Região do Alto Paraná
Vários sítios	Yvytimí
Três sítios	Localidade de Guavirá, povoado de Caballero
Isla Tacuara	Localidade de Puesto Isla Tacuara, nas proximidades de General Artigas
Cerrito Jara	Bahía Negra
Isla Jhovv, Isla Naranja, Isla Juan Tomás e Isla Samu'ú	Estabelecimento de Liebig's, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Isla Jinete	Estabelecimento Villasanti, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Islã Alta ou Yvaté	Estabelecimento Vargas, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Isla Carancho e Isla Mba'eysyvo	Estabelecimento Bresanovich, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Cerrito Curupica'y	Estabelecimento Doldán, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Isla Yu'á e Isla Cerrito	Estabelecimento Rehnfeldt, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Isla Negra, Isla Ita e Isla Yasay'y	Campo Fiscal, Puerto Victoria, em Villa Oliva
Ñurumi e Yuquerí	Estabelecimento de Luis M. Quevedo, Puerto Victoria, em Villa Oliva

Fonte: Pusineri Scala (1973).

Nas setenta e nove páginas de seu trabalho, Passos (1975) fez um registro de inscrições rupestres, sem apresentar dados quantitativos sobre os mesmos. Suas interpretações são frágeis e às vezes um tanto quanto intuitivas.

O autor visitou dois sítios arqueológicos em Corumbá, os quais posteriormente foram estudados por Girelli (1994), e um outro na Bolívia. Na bibliografia de sua tese há referências ao tra-

balho de Bluma (1973), quem o ajudou em algumas de suas idas a campo, embora não haja citação aos de Schmidt (1940a, 1940b, 1942a) e Souza (1973).

Na década de 1970, Passos foi diretor do antigo Instituto de Pré-história da USP e responsável pelo *Pré-história – Informativo*, publicação que em 1977 teve na capa a fotografia de uma inscrição rupestre de Corumbá. Também foi professor de jovens notáveis que, anos

mais tarde, tornaram-se arqueólogos de grande respeito entre seus pares brasileiros. Solange Bezerra Caldarelli e Walter Alves Neves são dois deles. Portanto, a despeito da simplicidade de sua tese de livre-docência, cumpre dizer que seus trabalhos como pesquisador e professor tiveram outros aspectos muitíssimos mais positivos, como a formação de novos profissionais, a divulgação de conhecimentos científicos e a defesa do patrimônio arqueológico nacional.

Em 1978, José Antonio Gómez Perasso, provavelmente o único arqueólogo profissional nascido no Paraguai, falecido precocemente na década de 1990, publicou uma síntese sobre a pré-história paraguaia, o artigo *Estudios arqueológicos en el Paraguay: análisis interpretativo* (Perasso, 1978), no qual faz uso de analogias históricas diretas para sistematizar vários dados arqueológicos. Trata-se de um trabalho muito pouco conhecido no Brasil e no próprio Paraguai. É interessante pontuar, contudo, que o autor chamou de *complexo cultural Alto-paraguaiense* a cerâmica então conhecida para aterros existentes na porção brasileira do Pantanal e em muitas áreas inundáveis do Paraguai. Até hoje em dia, esse dado tem sido praticamente desconhecido pela maioria dos especialistas em Arqueologia Pantaneira.

Em julho de 1989, o autor e a arqueóloga brasileira Luciana Pallestrini, ex-professora da USP, instituição em que ele estudou, escavaram parte de um grande aterro existente à margem do lago Ypoá, no Paraguai, cujos resultados ainda não vieram a público; há apenas alguns dados divulgados em reportagens da época, publicadas no jornal *El Diario Noticias*. Provavelmente o material arqueológico proveniente das escavações esteja depositado no Museu Guido Boggiani, em San Lorenzo, na Grande Assunção, dirigido pelo arquiteto Jorge Vera.

Perasso ainda trabalhou em parceria com José Luiz de Moraes, arqueólogo e

docente da USP (vide Perasso, 1984; Moraes & Perasso, 1984; Pallestrini & Perasso, 1984; Pallestrini et al., 1989; dentre outros trabalhos).

Mas foi em 1988, há menos de duas décadas, que veio a público o artigo *O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios*, de Aziz Nacib Ab'Saber, trabalho publicado sob forma de tomo especial da Revista Brasileira de Geografia. Sem dúvida, trata-se de um trabalho escrito por um dos maiores geógrafos brasileiros de todos os tempos, reconhecido especialista em Geomorfologia e conhecedor da pré-história sul-americana. Seu estudo ainda hoje é a melhor e mais completa síntese sobre a história natural do Pantanal, principalmente em termos fisiográficos e ecológicos, na qual constam relevantes análises sobre *fatos de seus espaços naturais, suas ecozonas, dinâmica climático-hidrológica e fatores de perturbação de seus múltiplos ecossistemas* (Ab'Saber, 1988:5).

Além disso, em duas páginas Ab'Saber (1988:45-46) teorizou, pela primeira vez até então, sobre o início do povoamento humano pré-histórico da região pantaneira e adjacências, apresentando um modelo de ocupação indígena local. Suas idéias, embora carentes de dados arqueológicos, são pertinentes, relevantes e marcadas por interessantes hipóteses baseadas na relação entre sociedades humanas e ecossistemas regionais. Elas foram inicialmente discutidas por Eremites de Oliveira (1996, 1997), quem teve algumas de suas interpretações reproduzidas por outros autores, os quais não chegaram a fazer a devida menção aos créditos autorais.

Por tudo o quanto foi explicado, em que pese saber que outros autores também contribuíram para a emergência de uma Arqueologia regional até fins da década de 1970, ainda assim os nomes de Max Schmidt e Branka Susnik continuam sendo os principais representantes do *primeiro momento* da Arqueologia

Pantaneira. Portanto, contrariando o que alguns arqueólogos brasileiros afirmaram, a Arqueologia no Pantanal não é tão jovem como se pensava. Em verdade, pode-se dizer que seu *primeiro momento* teve início em 1875, com o militar João Severiano da Fonseca, logo após o término da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870), quando o governo brasileiro tratou de definir as fronteiras de seu país. Daquele ano até a década retrasada, não há dúvidas que Max Schmidt e Branka Susnik foram os dois etnólogos que mais contribuíram para o conhecimento do passado indígena na região. Os dois foram influenciados por idéias difusionistas e evolucionistas da época e, embora tenham publicado vários trabalhos, ainda permanecem pouco conhecidos para a maioria dos arqueólogos brasileiros. Esta situação também contribuiu para que a região do alto Paraguai passasse despercebida aos olhos de muitos estudiosos que propuseram modelos explicativos sobre a pré-história platina e sul-americana.

Por outro lado, desde o início de seu *primeiro momento*, a Arqueologia regional atesta uma tomada de consciência sobre a antiguidade dos povos indígenas naquela área platina, especialmente dos pescadores-caçadores-coletores, historicamente conhecidos como índios canoieiros, que ali construíram estruturas monticulares e produziram painéis com arte rupestre. Significa dizer, portanto, que a Arqueologia Pantaneira surgiu de maneira semelhante às *Arqueo-*

logias de outras partes do continente, regiões em que desde a época colonial *aterros* ou *mounds* vêm despertando a atenção de muitos exploradores e cientistas, a exemplo do que aconteceu no vale do Mississipi, no litoral Atlântico da América do Sul, na região amazônica e na própria bacia platina.

Para finalizar o presente ensaio, tenho a dizer que as novas gerações de antropólogos, arqueólogos e historiadores interessados em compreender o transcurso dos povos indígenas no Pantanal, assim como em algumas outras regiões platinas, por certo não poderão esquecer o legado deixado pelas gerações que as antecederam. Dessas gerações há dois nomes que devem permanecer em nossas memórias: Max Schmidt e Branka Susnik.

Agradecimentos

Para a elaboração deste ensaio pude contar com o apoio de algumas pessoas que leram as primeiras versões do trabalho e fizeram críticas pontuais e importantes sugestões de leitura, sempre com o propósito de contribuir para que este autor pudesse melhorar ainda mais o presente estudo. Para esses amigos, os quais espero não decepcionar, quero aqui registrar meus sinceros agradecimentos. São eles: Eudes Fernando Leite, Francisco Silva Noelli, Pedro Paulo Abreu Funari e Tania Andrade Lima. Contudo, cumpre registrar que as idéias aqui apresentadas são de minha inteira responsabilidade.

Referências Bibliográficas

- AB'SABER, A.N. 1988. O Pantanal Mato-grossense e a Teoria dos Refúgios. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 50:9-57.
- ACADEMIA PARAGUAYA DE LA HISTORIA [Adelina Pusineri]. 1996. Branislava Susnik (1920-1996). *Historia Paraguaya*, Asunción, 36:13-14.

- ALCINA FRANCH, J. 1989. *Arqueología Antropológica*. Madrid, Akal.
- ALLEM, A.C. & VALLS, J.F.M. 1987. *Recursos forrageiros nativos do Pantanal Mato-grossense*. Brasília, EMBRAPA.
- ARRUDA, J.J. & TENGARRINHA, J.M. 1999. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, Edusc.
- BALDUS, H. 1951. Max Schmidt: 1874-1950. *Revista do Museu Paulista* (Nova Série), São Paulo, 5:253-260.
- BALDUS, H. 1954. *Bibliografia crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo, Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, v.1.
- BERNARDI, B. 1988. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Trad. de A. C. M. da Silva, Lisboa, Edições 70.
- BLUMA, F.V. 1973. Sítios arqueológicos em Mato Grosso. *Dimensão*, Corumbá, 3:133-138.
- BOGGIANI, G. 1898. Etnografía del Alto Paraguay. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, 18:613-625.
- BROCHADO, J.J.J.P. 1984. *An ecological model of the spread of pottery and Agriculture into eastern South America*. PhD Tesis. Urbana-Champaign, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- BUCHER, E.H. et al. 1994. *Hidrovia: uma análise ambiental inicial da via fluvial Paraguai-Paraná*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- PÉREZ CÁCERES, L. 2000. Dr. Carlos Pusineri Scala: apasionado por nuestra historia. *Noticias Domingo*, Asunción, 3(153): 12-13, 22 oct.
- CAMPOS, A.P. 1862. Breve noticia que dá o capitão Antônio Pires de Campos do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das Minas do Cuyabá e seu reconcavo... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 25:437-449.
- CAMPOS, P.M. 1977. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In GLENISSON, J. *Iniciação aos Estudos Históricos*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp.250-293.
- CLAVAL, P. 1999. *Geografia Cultural*. Trad. de L. F. Pimenta & M. de C. A. Pimenta, Florianópolis, EdUFSC.
- COELHO, V.P. (Org.) 1993. *Karl von den Steinen: um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, Edusp/Fapesp.
- COLLINGWOOD, R.G. 1981. *A idéia de História*. Trad. de A. Freire, Lisboa, Presença.
- COSTA, M.F.G. 1999. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. 1995. *Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.
- _____ 1996. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre, Edipucrs.
- _____ 1997. A teoria dos refúgios e a ocupação indígena das áreas inundáveis do Pantanal. *Revista de Geografia*, Campo Grande, 3(6):23-30.
- _____ 2001. Acuri, a palmeira dos índios Guató. *Suplemento Antropológico*, Asunción, 36(1):355-386.
- _____ 2002a. *Da pré-história à história indígena: (re)pensando a Arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.
- _____ 2002b. A Arqueologia Brasileira da década de 1980 ao início do século XXI: uma avaliação histórica e historiográfica. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, 28(2):25-52.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. & VIANA, S.A. 2000. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*, São Paulo, 44(1):142-189.
- FERREIRA, L.M. 1999. Vestígios de Civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da Arqueologia Imperial (1838-1870). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, 4(1):9-36.
- FLORENCE, H. 1875. Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Trad. de A. d'E. Taunay, Rio de Janeiro, 38(2):355-469.

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal

- FLORENCE, H. 1948. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1929*. 2ª ed., Trad. de A. d'E. Taunay, São Paulo, Melhoramentos.
- _____. 1977a. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. Trad. de A. d'E. Taunay, São Paulo, Cultrix/Edusp.
- FLORENCE, H. 1977b. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará (1825-1829)*. Trad. de F. A. Machado & V. Florence, Assis, Museu de Arte de São Paulo.
- FONSECA, J.S. 1880. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro, Typographia de Pinheiro & C., 2v.
- _____. 1986. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro, Bibliex, 2v.
- _____. 2003. Resenha. A Social History of Anthropology in the United States – Thomas C. Patterson. *Diálogos*, Maringá. (no prelo)
- FUNARI, P.P.A. 1994. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, 1:23-41.
- GIRELLI, M. 1994. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- GÓMEZ PERASSO, J.A. 1978. Estudios arqueológicos en el Paraguay: análisis interpretativo. *Etnografía Paraguaya*, Asunción, 1(2):1-32.
- _____. 1984. *Interpretación de estructuras em Arqueologia histórica: sitio Trinidad (Itapuá, Paraguay)*. Asunción, Arte Nuevo, v.1.
- GONZÁLEZ, C. 1999. Branislava Susnik: competencia y dedicación. *Última Hora – El Correo Semanal*, Asunción, 30-31 Oct. [www.musicaparaguaya.org.py/branislava.html (23/01/2001)].
- HARDESTY, D.L. 1979. *Antropología Ecológica*. Trad. de R. A. García & F. R. Domenech, Barcelona, Bellaterra.
- HARRIS, M. 1993. *El desarrollo de la teoría antropológica. Una historia de las teorías de la cultura*. Trad. de R. V. del Toro, Madrid, Siglo XXI.
- _____. 1995. *Antropología Cultural*. 3ª ed., Trad. de V. Bordoy & F. Revuelta, Madrid, Alianza.
- HERBERTS, A.L. 1998. *Os Mbayá-Guaycuru: área, assentamento, subsistência e cultura material*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- KAPLAN, D. & MANNERS, R.A. 1981. *Teoria da Cultura*. 2ª ed., Trad. de Z. Kacelnik, Rio de Janeiro, Zahar.
- KERSTEN, L. 1968. *Las tribus indígenas del Gran Chaco hasta fines del siglo XVIII. Una contribución a la Etnografía Histórica de Sudamérica*. Trad. de J. von Hauenschild, Resistencia, Universidad Nacional del Nordeste.
- KIPNIS, R. et alii. (Org.). 1994-1995 [1997]. Bibliografia da Arqueologia Brasileira. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, 15-16:i-x/1-313.
- KOSLOWSKY, J. 1895. *Tres semanas entre los indios Guatós. Excursión efectuada en 1894*. La Plata, Talleres de Publicaciones del Museo. (Separata de la Revista del Museo de La Plata, 6)
- LABURTHE-TOLRA, P. & WARNIER, J.-P. 1999. *Etnología – Antropología*. 2ª ed., Trad. de A. H. Cavalcanti, Petrópolis, Vozes.
- LAMBERG-KARLOVSKY, C.C. (Ed.). 1989. *Archaeological thought in America*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LEE, R.B. & DE VORE, I. (Ed.). 1973. *Man the hunter*. 4ª ed., Chicago, Aldine.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1998. *Tristes trópicos*. Trad. de R. F. d'Aguiar, São Paulo, Companhia das Letras.
- MAGALHÃES, M.L. 1999. *Payaguá: os senhores do rio Paraguai*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- MARTIN, G. 1996. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife, EdUFPE.
- MARTIUS, C.F.P. von. 1991. Como se deve escrever a História do Brasil. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 13(77):56-63.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1965. *Guia para prospecção arqueológica no Brasil*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

Oliveira, J. E.

- MELIÀ, B. 1987. Introdução. In: MELIÀ, B. et alii. *O Guaraní: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo, Fundames, pp.17-71.
- MÉTRAUX, A. 1942. The native tribes of eastern Bolivia and western Matto Grosso. *Bulletin*, Washington, 134.
- _____. 1944. Estudios de etnografía chaqueña. *Anales del Instituto de Etnografía Americana*. Trad. de S. Canals Frau, Cuyo, 5:263-314.
- _____. 1963. Etnography of the Chaco. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. 2ª ed., New York, Cooper Square Publishers, v.1, pp.197-370.
- MIGLIACIO, M.C. 2000. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso: uma leitura preliminar*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.
- MIRÓ IBARS, M. 2002. *Formación natural y social del entorno de los humedales del Lago Ypoá y Carapeguá*. Carapeguá, Fondec/Servilibro.
- MORAES, A.C.R. 1990. Introdução. In: MORAES, A.C.R. (Org.). *Ratzel*. Trad. de F. Murad & D. Bottman. São Paulo, Ática, pp.5-30.
- MORAIS, J.L. & GÓMEZ PERASSO, J.A. 1984. *Tecno-tipologia de estructuras de lascamento del sitio Marcelina-Kue (Itapúa - Paraguay)*. Asunción, Arte Nuevo.
- MORÁN, E.F. 1990. *Ecología humana das populações da Amazônia*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 1994. *Adaptabilidade humana: uma introdução à Antropologia Ecológica*. Trad. de C. E. A. Coimbra Júnior & M. S. Brandão, São Paulo, Edusp.
- MOURA, P. 1943. Bacia do Alto Paraguai. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1:3-38.
- NETTING, R.M. 1986. *Cultural Ecology*. 2ª ed., Illinois, Waveland.
- NEVES, W.A. 1996. *Antropologia Ecológica*. São Paulo, Cortez.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guaraní e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.
- NOELLI, F.S. et al. 1996. Debate: hipóteses sobre a origem e a expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 39(2): 5-118.
- PALÁCIO, A.P. 1984. *Guatú - a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.
- PALLESTRINI, L. & GÓMEZ PERASSO, J.A. 1984. *Arqueología: método y técnicas en superficies amplias*. Asunción, CEADUC-Universidad Católica.
- PALLESTRINI, L. et al. 1989. *El hombre prehistorico del Py-Pucu (esbozo arque-etnológico)*. Asunción, RP.
- PASSOS, J.A.M.B. 1975. *Alguns petróglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia*. Tese de Livre-Docência. São Paulo, USP.
- PATTERSON, T.C. 2001. *A Social History of Anthropology in the United States*. Oxford & New York, Berg.
- PEÑA GILL, J. 1990. Branka Susnik. Paraguayos honorarios. *Revista El Diario Noticias*, Asunción, 20 may., pp.4-5.
- _____. 1999. *Las exploraciones arqueológicas de Branislava Susnik y su aporte a los estudios arqueológicos en el Paraguay*. Monografía. Asunción, Universidad Nacional de Asunción.
- PETRULLO, V.M. 1932. Primitive peoples of Matto Grosso. *The Museum Journal*, Philadelphia, 23(2):81-179.
- POIRIER, J. 1981. *História da Etnologia*. Trad. de I. Toledo, São Paulo, Cultrix/Edusp.
- PORTO ALEGRE, M.S. 1994. Imagem e representação do índio no século XIX. In GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília, MEC, pp.59-72.
- PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, EdUnB.
- PUSINERI, A. 1993. *Guía ilustrada de Museo Etnográfico Andrés Barbero*. 2ª ed., Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- _____. 1997. *Dra. Branka Susnik, vida y obra*. Asunción. Conferencia pronunciada en Eslovenia en Octubre de 1997. (no publicado)

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal

- _____. 1998. *Lista de publicaciones de Susnik, Dra. Branislava (Branka)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero. (no publicado)
- PUSINERI, A. 2000. *Reseña biográfica de la Dra. Branislava Susnik*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero. (www.pla.net.py/home/museoetn/dra.htm [23/01/2001]).
- PUSINERI SCALA, C.A. 1973. Los montículos o yvychovi del Paraguay. *Historia Paraguaya*, Asunción, 14:117-124.
- REGO, M.C.M. 1899. Artefactos indígenas de Matto Grosso. *Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10:175-184.
- RIBEIRO, B.G. 1987. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In RIBEIRO, B.G. (Coord.). *Suma Etnológica Brasileira*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes/Finep, v.2, pp.283-321.
- _____. 1988. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp.
- ROGGE, J.H. & SCHMITZ, P.I. 1992. Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. In: SOUZA, A.M. et al. (Ed.). *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, SAB/CNPq/FINEP/UNESA, v.2, pp.781-791.
- RONDON, C.M.S. [Marechal Rondon]. 1949. *Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato-Grosso...* Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional.
- RONDON, F. 1938. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- RONDON, J.L.N. 1971. *No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso*. São Paulo, Urupês.
- _____. 1972. *Tipos e aspectos do Pantanal*. São Paulo, Urupês.
- ROOSEVELT, T. 1944. *Através do sertão do Brasil*. Trad. de C. Erichsen, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- RENFREW, C. & BAHN, P. 1998. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. 2ª ed., Trad. de M. J. M. Rial, Madrid, Akal.
- SAHLINS, M. 1977. *Economía de la Edad de Piedra*. Trad. de E. Muñiz & E. R. Fondevila, Madrid, Akal.
- SANTOS, M.C. 1999. Clastres e Susnik: uma tradução do "Guarani de papel". In: GADELHA, R.A.F. (Ed.). *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo, Educ/Fapesp, pp.205-219.
- SCHADEN, E. 1969. *Aculturação indígena*. São Paulo, Pioneira/Edusp.
- _____. 1993. Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu. In: COELHO, V.P. (Org.). *Karl von den Steinen: um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, Edusp/Fapesp, pp.109-129.
- SCHMIDT, M. 1902. Die Guató. *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft*, Berlin, 15 Feb., 77-89.
- _____. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901*. Berlin, Dietrich Reimer.
- _____. 1912. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 44(1):130-174.
- _____. 1914. Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv*, Berlin, 4(6):251-283.
- _____. 1928. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Mato-Grosso; September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 60(1-3):85-124.
- _____. 1940a. Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 1(5):27-62.
- _____. 1940b. Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 1(5):63-71.
- _____. 1942a. *Estudos de Etnologia Brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Trad. de C. B. Cannabrava, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- _____. 1942b. Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 5(6):41-75.

- _____. 1942c. Resultados de minha expedição bial a Mato-Grosso. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 14-17:141-285.
- _____. 1949. Los Payaguás. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, São Paulo, 3:129-270.
- _____. 1951. Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los metodos de agricultura de los Indígenas sudamericanos. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, São Paulo, 5:239-252.
- _____. 1959. *El Sistema de la Etnología: primeira parte*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero/Sociedad Científica del Paraguay.
- _____. 1974. Comments on cultivated plants and agricultural methods of south american indians. In: LYON, P. (Ed.). *Native South America*. Boston, Little, Brown and Company.
- SCHUCH, M.E.J. 1995. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- SILIMON, L. 1972. *Fichas de registro de pesquisa arqueológica*. Cuiabá, CODEMAT. (não publicado)
- SOARES, A.L.R. 1997. *Guarani: organização social e Arqueologia*. Porto Alegre, Edipucrs.
- SODRÉ, N.W. 1976. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SOUZA, A.M. 1991. História da Arqueologia Brasileira. *Pesquisas (Série Antropologia)*, São Leopoldo, 46:1-157.
- SOUZA, L.G. 1973. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo, Resenha Tributária, v.1.
- _____. 1978. *Bacia do Paraguai: Geografia e História*. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação.
- STEINEN, K. von den. 1897. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition (1887-1888)*. Berlin, Dietrich Reimer.
- _____. 1940. Entre os aborígenes do Brasil Central. Trad. de E. Schaden. *Revista do Arquivo*, São Paulo, 34-58.
- SUSNIK, B. [Branislava J. Sušnik]. 1959a. Material arqueológico del área alto-paraguayense. *Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo Etnográfico Andrés Barbero*, Asunción, 3:81-103.
- _____. 1959b. Notas complementarias. In: SCHMIDT, M. *El Sistema de la Etnología: primera parte*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero/Sociedad Científica del Paraguay, pp.129-217.
- _____. 1961. Clasificación de las poblaciones indígenas del área chaqueña. In: SUSNIK, B.J. *Manual de Etnografía Paraguaya*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, pp.209-212.
- _____. 1965. *El indio colonial del Paraguay. El Guaraní colonial*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, t.1.
- SUSNIK, B.J. 1972a. *Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico)*. Resistencia, Universidad del Nordeste.
- _____. 1972b. Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento Antropológico*, Asunción, 1-2(7):85-107.
- _____. 1975. *Dispersión Tupí-Guaraní prehistórica: ensayo analítico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- _____. 1978. *Etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- _____. 1982. *Cultura Material (Guaraníes y Chaqueños)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1982.
- _____. 1984. *Guía del Museo: Etnografía Paraguaya*. 9ª ed., Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- _____. 1987. Las características etno-socio-culturales de los aborígenes del Paraguay en el siglo XVI. *Historia Paraguaya*, Asunción, 24:81-103.
- _____. 1991. *Prof. Dr. Max Schmidt: su contribución etnológica y su personalidad*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal

_____. 1992. *Introducción a las fuentes documentales referentes al Indio colonial del Paraguay*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

_____. 1994. *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – I: formación y dispersión étnica*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

_____. 1995a. *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – II: el hombre, persona y agente ergológico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

_____. 1995b. *Chamacocos I: cambio cultural*. 2ª ed., Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

_____. 1996. *Poblados – Viviendas: manufactura utilitaria (ámbito sudamericano)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

_____. 1998a. *Artesanía Indígena*. Asunción, El Lector.

_____. 1998b. *Tendencias psicosociales y verbometales Guaycuru-Maskoy-Zamuco: enfoque analítico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.

THIEME, I. 1993. Karl von den Steinen: vida e obra. In: COELHO, V.P. (Org.). *Karl von den Steinen: um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, Edusp/Fapesp, pp.36-108.

TRIGGER, B.G. 1992. *Historia del pensamiento arqueológico*. Trad. de I. G. Trócoli, Barcelona, Crítica.

VALVERDE, O. 1972. Fundamentos geográficos do planejamento do município de Corumbá. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 34(1):49-144.

VIETLER, R.B. 1988. *Ecologia Cultural: uma Antropologia da mudança*. São Paulo, Ática.

WILLEY, G.R. 1971. *An Introduction to American Archaeology*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, v.2.

WILLEY, G.R. & PHILLIPS, P. 1958. *Method and theory in American Archaeology*. Chicago, The University of Chicago Press.

WILLEY, G.R. & SABLOFF, J.A. 1980. *A History of American Archaeology*. 2ª ed., San Francisco, W. H. Freeman and Company.